- JGNEZ DE CASTRO -
4° Δ
15,654

IGNEZ DE CASTRO

IGNEZ DE CASTRO

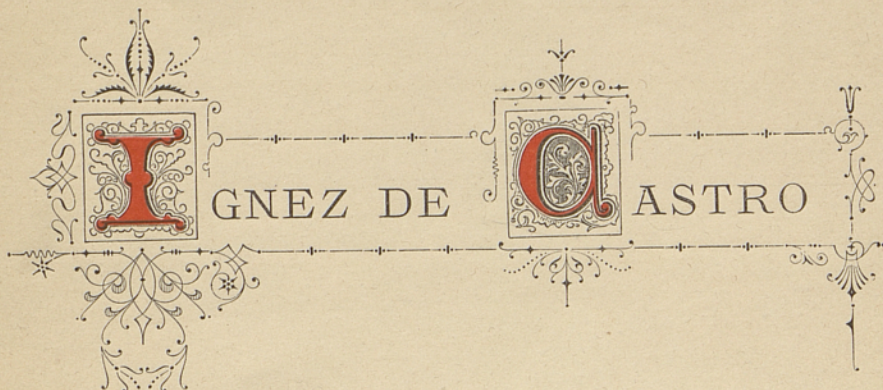
Esta edição, que não entrará no commercio, consta de 156 exemplares numerados, sendo:

Os numeros 1 a 6 em papel do Japão.
Os numeros 7 a 156 em papel velino.

EXEMPLAR N.º 48

Offert à Mr. Ferdinand Denis par Annibal Fernandes Thomaz

Tricentenario de Camões

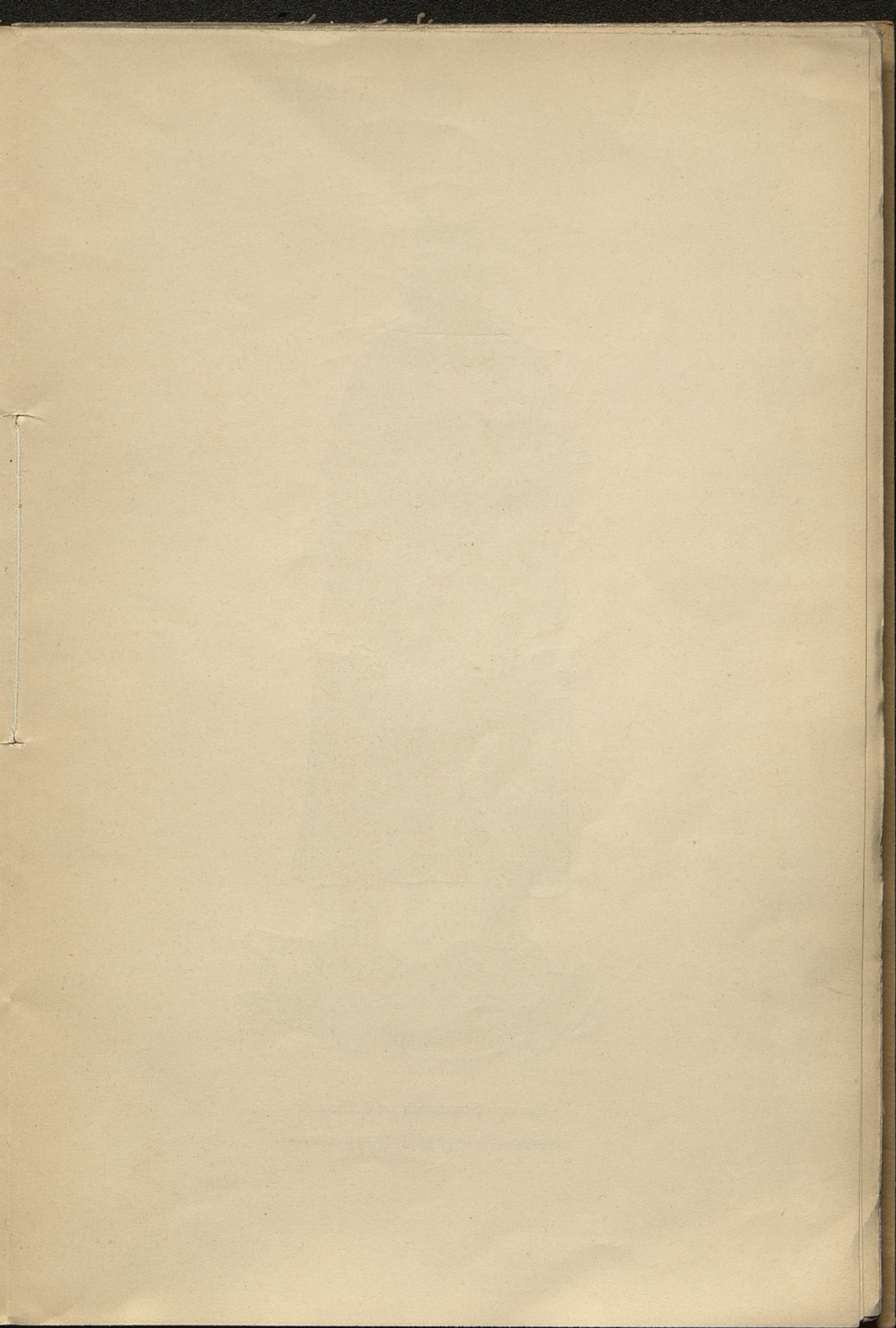
1580 - 1880

Ignez de Castro

Iconographia. Historia. Litteratura

LISBOA

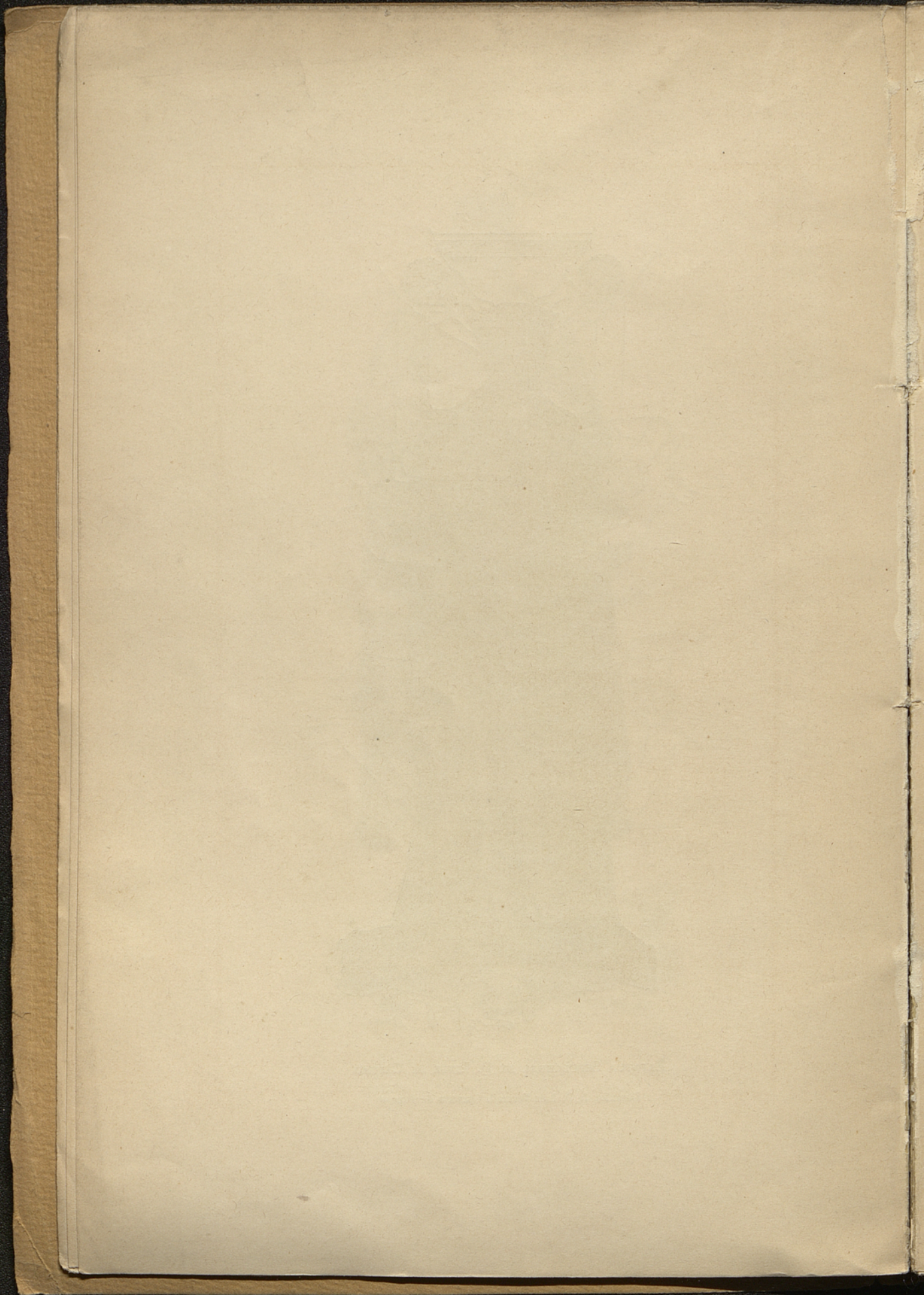
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

Rua da Cruz de Pau 31

1880

Estatua Sepulchral de D. Pedro I

Desenho de D. Luiz Vermell. Gravura de Penoso

Estatua Sepulchral de D. Ignez de Castro

Desenho de D. Luiz Vermell. Gravura de Penoso

Se bem que tarde, e talvez dos ultimos, não quizemos comtudo deixar de nos encorporar, consoante podémos e não como desejavamos, no esplendido cortejo de homenagens com que a patria glorificou a memoria do seu maior poeta, Luiz de Camões, na occasião do seu tricentenario.

O que esta prova da nossa admiração pelo poeta poderá valer (que é muito por aquelles que realisaram a idéa e nada por quem a iniciou) dil-o-ão os formosos capitulos que compõem este livro, devidos ás correctissimas pennas dos nossos amigos, Dr. Augusto Filippe Simões, a quem pertence a parte iconographica, Augusto Mendes Simões de Castro, que

se encarregou da parte historica, e Abilio Augusto da Fonseca Pinto, que considera o episodio de Ignez de Castro sob o ponto de vista litterario nas suas variadas manifestações, os quaes de bom grado accederam ao convite que lhes fizemos de collaborar n'esta modestissima contribuição para o monumento litterario, erigido pelos que fallam a harmoniosa lingua portugueza ao seu mais primoroso cultor.

E accresce, como formoso e condigno epilogo, uma commemoração poetica do tricentenario nas linguas latina e portugueza, com que a nosso pedido nos honrou a todos o sr. conselheiro Antonio José Viale.

As gravuras com que adornamos esta publicação, e que em verdade lhe dão grande realce,

foram habilmente executadas, as duas primeiras pelo sr. Penoso e a terceira pelo sr. João Ribeiro de Christino da Silva, todas segundo desenhos originaes e ineditos do sr. D. Luiz Vermell, artista hespanhol muito dedicado ás cousas de Portugal.

É pois este livro um commentario artistico, historico e litterario do mais primoroso e commovedor episodio que se conhece em todas as modernas epopeias.

Louzan, 1880.

Annibal Fernandes Thomaz.

EPISODIO

DE

JGNEZ DE CASTRO

(LUSIADAS, CANTO III, EST. CXVIII-CXXXV)

Episodio de Ignez de Castro

(Lusiadas, Canto III, Est. CXVIII-CXXXV)

CXVIII

Passada esta tão prospera victoria,
Tornando Affonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera e mesquinha,
Que, despois de ser morta, foi Rainha.

CXIX

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa á molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga.
Se dizem, fero amor, que a sede tua,
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
É porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

CXXI

Do teu Principe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quanto emfim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas Senhoras e Princezas
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo emfim, tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pae sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

CXXIII

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Qual furor consentio que a espada fina,
Que poude sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra ũa fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Saidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe e filhos que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

CXXV

Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos;
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento;
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram,
E co'os irmãos que Roma edificaram:

CXXVII

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar ũa donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro;
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro.
Mas, se t'o assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei.
Ali co'o amor intrinseco e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãe triste.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que d'esta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali pregoam.
Contra ũa dama, ó peitos carniceiros,
Ferozes vos mostrais e cavalleiros!

CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Achilles a condemna,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

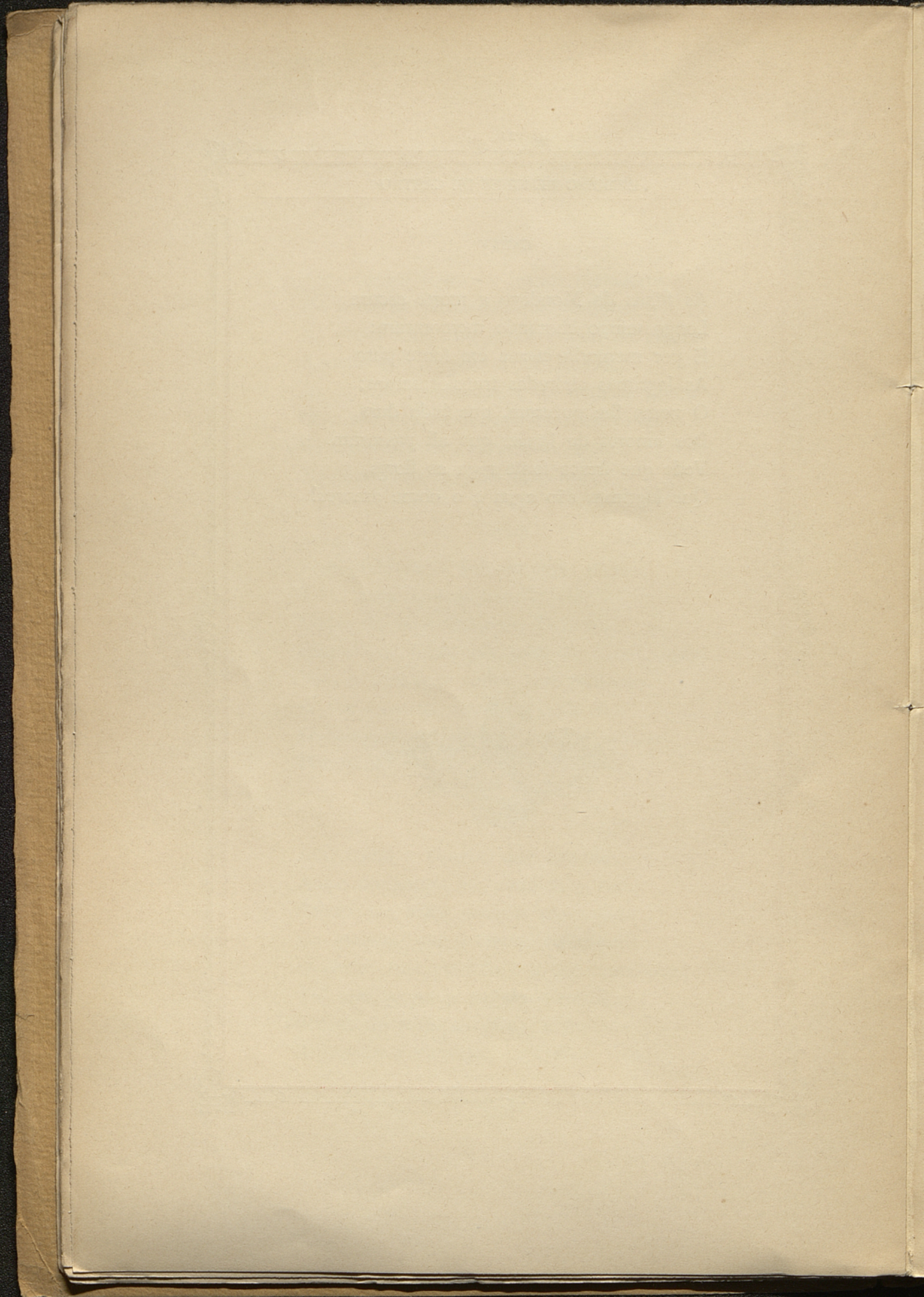
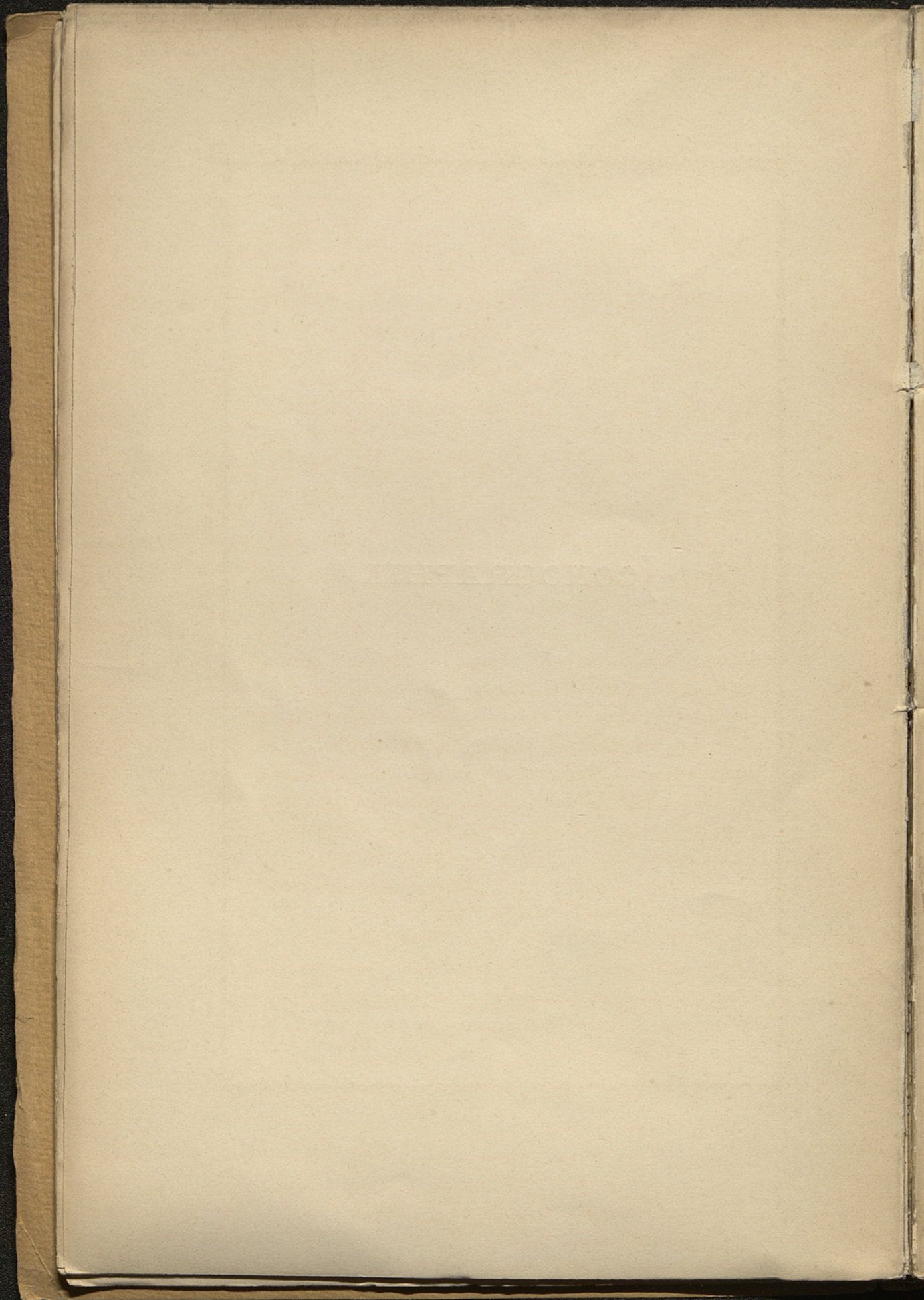
CXXXIII

Bem puderas, ó Sol, da vista d'estes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia.
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.

CXXXIV

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua e o nome amores!

ICONOGRAPHIA

As estatuas sepulchraes

de

D. Pedro I e de D. Ignez de Castro

I

Começam ao mesmo tempo, no seculo XII, a historia da arte e a da monarchia portugueza. Nos tempos anteriores a historia artistica e politica dos povos que habitaram o territorio, que depois tomou o nome de Portugal, confunde-se na historia geral da Peninsula Iberica. Demais, da architectura e da esculptura christãs, anteriores ao seculo XII, tão raros vestigios ficaram n'esta parte da Peninsula que, por si sós, não bastam para dar ideia clara das phases por que essas artes passaram e dos estylos usados pelos artistas nas differentes epochas.

Em Hespanha escasseiam tambem os monumentos dos seculos comprehendidos entre a queda do imperio do Occidente e o reinado de Fernando Magno. Mas, ainda assim, alguns vestigios interessantes demonstram o estado das artes em varias epochas d'esse longo periodo, o mais dilatado e o mais obscuro da edade media.

Subsiste de pé sem deformações posteriores a egreja de San Juan Bautista de Baños, proxima de Palencia, e edificada, segundo dizem, por el-rei Recesvinto no anno de 610.[1] Na provincia de Zamora, pouco distante da cidade de Toro, a egreja de San Roman de Hornija, cuja edificação se attribue a Chindasvinto em 646, apesar de ter sido posteriormente reedificada, conserva alguns restos importantes da sua fabrica primitiva.[2]

Conhecem-se outros fragmentos contemporaneos d'aquelles templos e tambem do mesmo estylo que os auctores hespanhoes denominam *latino-byzantino*. Taes são os restos da construcção vulgarmente chamada *Cisterna* de Merida; os capiteis das basilicas wisigothicas de Cordova;[3] os capiteis e outros fragmentos de Toledo,[4] etc.

Todos estes vestigios, e mais ainda as preciosidades achadas em Guarrazar,[5] mostram que a arte wisigothica não foi pobre e miseravel, como geralmente se acreditava, e, o que não menos importa saber, que tanto na architectura como na esculptura dominava o estylo byzantino, cuja introducção na Peninsula de certo seria favorecida pelas relações dos reis wisigothicos com os imperadores do Oriente.[6]

Ninguem ignora qual foi a influencia da invasão

1 *Museo Español de Antigüedades*, tom. I, pag. 561 a 571.
2 *Monumentos Arquitectonicos de España*.
3 *Monum. Arquit. de España*.
4 Idem.
5 Idem. *Museo Español de Antigüed.*, tom. III, pag. 113 a 132.
6 Idem, idem, pag. 265.

dos arabes na arte latino-byzantina da Peninsula. Não sómente causou a destruição de muitos monumentos, mas impediu tambem que a architectura e a esculptura christãs proseguissem na evolução apenas começada nos tempos da monarchia wisigothica. Esta evolução, interrompida por mais de um seculo, continuou depois de se fundar e fortalecer a monarchia asturiana. Entrou assim a esculptura christã n'uma phase nova, da qual restam curiosos vestigios na capella de S. Miguel ou Camara Santa da sé de Oviedo e n'outras egrejas proximas, cuja fundação se attribue a el-rei Affonso II, o Casto, que reinou desde o anno de 795 até ao de 843;[1] em Santa Maria de Naranco,[2] S. Miguel de Linio ou Lillo,[3] egrejas proximas de Oviedo e attribuidas a el-rei Ramiro (843 a 850); na ermida de Santa Christina do concelho de Lena, a qual dizem ser do mesmo fundador; na egreja velha de S. Salvador de Valdedios, erigida por Affonso III o Magno;[4] e finalmente nas egrejas de S. Salvador de Priesca no concelho de Villaviciosa e de Santa Maria de Sariego, construidas no seculo IX ou nos principios do seculo X.[5]

Além da ornamentação singela e rude das egrejas

1 D. Manuel de Assas—*Nociones Fisionomico-historicas de la Arquitectura en España*—Semanario Pinturesco Español—Año XXII pag. 305. Ácerca da Camara Santa consultar-se-ha com grande vantagem a magnifica obra—*Monumentos Arquitectonicos de España.*

2 *Monum. Arquit. de España.—Recuerdos y bellezas de España—Asturias*, pag. 76, 148 e 244. D. Manuel de Assas, in loc. cit.

3 Idem.

4 D. Manuel de Assas, in loc. cit. *Monum. Arquit. de España.*

5 D. Manuel de Assas, in loc. cit.

mencionadas, onde se póde estudar o estylo da esculptura em Hespanha n'essa epocha remota, contam-se ainda, entre os exemplares mais notaveis, os sepulchros do claustro de Covadonga;[1] a pia baptismal de Santo Isidoro de Leão; e finalmente o tympano de uma fachada da egreja de S. Pedro de Barcelona.[2]

Em Portugal não se conhece nenhum monumento da architectura christã, anterior ao seculo XI. Da esculptura haverá de certo vestigios que por incuria não têm sido registrados. Parecem attribuiveis a essa epocha uns baixos relevos do mosteiro de Chellas, perto de Lisboa;[3] uns fragmentos de pedra, talvez braços de uma cruz, achados nas ruinas de Condeixa a Velha e que hoje se conservam no Instituto de Coimbra; e finalmente os restos de uma antiga construcção, por detraz da egreja de Leça de Balio. Estes ultimos vestigios, muito posteriores aos de Chellas, vem a ser uma fresta esculpida, alguns capiteis cubicos, n'um dos quaes se vêem duas figuras com trajos e emblemas reaes, e por cima uma cabeça mettida n'um nicho. Apesar de unidas ao edificio da

1 *Monum. Arquit. de España.—Museo Español de Antigüed.*, tom. I, pag. 163.

2 Citados por D. Manuel de Assas no *Museo Español de Antigued.* tom. III, pag. 266. *Monum. Arquit. de España.* G. E. Street (*Gothic. Architecture in Spain*, pag. 413) julga duvidosa a antiguidade das egrejas que os auctores hespanhoes reputam anteriores ao seculo x. Quem tiver conhecimento da architectura da França nos seculos VII, VIII e IX, achará as egrejas de Hespanha, attribuidas a esse periodo, mais perfeitas. Mas isto mesmo acontece na Italia, onde, como em Hespanha, não influiram as causas que impediram o progresso das artes na França, n'aquella epocha remota.

3 *Archivo Pittoresco*, tom. VII pag. 381.

egreja de Leça do Balio, foram as paredes que contêm estas preciosas antigualhas vendidas com o quintal adjacente, e são hoje propriedade particular!

A raridade de vestigios artisticos em Portugal, anteriores ao seculo XI, não se explica sómente pela destruição dos monumentos, consequencia natural das repetidas invasões e da sanha dos invasores para com os templos erigidos para um culto differente por uma raça que lhes era estranha. O atrazo das artes não permittia nem solidas e duradoiras edificações, nem custosos lavores. Na segunda metade do seculo IX os monges de Lorvão mandavam vir de Cordova mestre Zacharias para as obras do mosteiro; o concelho de Coimbra pedia ao abbade que lh'o desse para fazer pontes sobre os pequenos ribeiros circumvisinhos, e o bom do abbade acompanhava o mestre cordovez, assistindo á construcção de pontes e de moinhos, como se foram obras grandiosas e verdadeiras maravilhas da architectura![1]

N'essa epocha, além das guerras contínuas que mudavam uma e mais vezes em cada seculo a raça e a religião dominante em cada cidade, além d'esta causa particular a certas provincias da peninsula Iberica, outra causa geral se oppunha ao progresso e desenvolvimento das artes. Divulgara-se entre a christandade a crença de que no anno de 1000 se acabaria o mundo. Sob o sinistro influxo d'esta ideia aterradora, os povos cahiram n'uma grande e geral apathia

1 Fr. Manuel da Rocha.—*Portugal Renascido*, pag. 396.

e abandonaram a cultura das artes, cujos productos padeceriam com o mundo a mesma commum destruição. Recuperados porém de panico tão infundado, estabelecidas relações mais intimas e mais duradoiras entre o Occidente e o Oriente, enriquecidas as ordens religiosas com as doações e testamentos que o receio do fim do mundo motivára, emfim sob o estimulo de outras influencias sociaes, a architectura e a esculptura tomaram tal incremento que se póde considerar o seculo XI como uma epocha de renascimento da arte christã no occidente da Europa.

Já n'outra parte dissemos como por esse tempo se definiu e generalisou o estylo romão, romanico ou romano-byzantino, que na Peninsula parece ter penetrado no reinado de Fernando Magno.[1] Em Portugal o seu maior desenvolvimento começou com a fundação da monarchia.

A figura do homem e as dos animaes que antecedentemente raras vezes se imitavam na pedra, e sempre com grande timidez e incorrecção, tornaram-se um dos elementos mais communs e importantes de um estylo a cuja ornamentação, creada pela phantasia opulenta dos orientaes, muito bem se adaptavam as scenas vivas e animadas. Os arcos e os capiteis eram principalmente as partes escolhidas para a representação esculptural de assumptos biblicos, historicos, particulares aos fundadores ou aos architectos, e algumas vezes profanos e até obscenos.

1 Reliquias da Architectura romano-byzantina em Portugal.

Já não são raros em Hespanha os vestigios da arte christã no seculo XI. Entre outros especialisaremos a sé e a egreja de S. Daniel de Gerona,[1] o Pantheon e Santo Isidoro de Leão.[2] Tres naves da collegiada de Santilhana[3] a sé de S. Thiago,[4] a sé d'Avila,[5] o claustro do mosteiro de Santa Maria la Real de Aguilar de Campoo,[6] etc.

Em Portugal serão talvez do seculo XI Cedofeita, S. Miguel do Castello, junto de Guimarães; Santa Maria de Almacave, em Lamego; os restos da antiga egreja de Villar de Frades a par com a fachada da egreja actual; a volta de um arco do mesmo genero da porta da sé de Braga.

II

Tornar-se-hia demasiadamente longa a lista das edificações do seculo XII em Hespanha. E talvez não fosse menos extensa a de Portugal no mesmo seculo, apesar da inferioridade numerica da população e da menor extensão do territorio. A fundação da monarchia assignala-se por innumeras construcções religiosas não sómente nas terras que já eram possuidas pelos christãos, mas tambem n'aquellas que a valo-

1 Street—*Gothic. Architecture in Spain.*
2 Idem. *Monum. Arquit. de España.*
3 Semanario Pinturesco Español, vol. cit.
4 Street—Op. cit.
5 Idem. *Monum. Arquit. de España.*
6 *Museo Español de Antigüed.*, tom. I, pag. 597 a 620.

rosa espada de Affonso Henriques arrancára ao poder dos mouros.

A estatuaria porém não acompanhou no seu grande desenvolvimento a architectura e a esculptura. As estatuas produzidas pela arte christã são raras em Hespanha, nenhumas talvez em Portugal, até ao fim do seculo XII.

Nem merecem o nome de estatuarios os auctores das estatuas mais antigas. Muitas vezes eram os proprios architectos, monasticos ou leigos, e até pedreiros ou canteiros, que usurpavam o logar de esculptores. Ainda na propria Italia eram muito toscas as estatuas d'esses tempos remotos.

Denotam claramente a infancia da arte as estatuas de Fernando Magno e Affonso VII nas egrejas de Santo Isidoro de Leão e do mosteiro de Carracedo;[1] as estatuas da porta de S. Vicente de Avila, que se diz serem de D. Affonso VI, de sua filha D. Urraca e do marido d'esta D. Raymundo de Borgonha; e bem assim os baixos relevos dos sepulchros de D. Sancho III e de sua mulher D. Branca de Navarra no mosteiro das Huelgas, perto de Burgos, e do sepulchro das filhas de D. Ramiro I de Aragão, que foi trasladado do mosteiro de Santa Cruz de las Sorores, perto de Jaca, para a nova egreja da mesma cidade.[2] Estes ultimos baixos relevos têm notaveis analogias, quanto ao estylo, com os do tumulo de Egas Moniz, que se conserva na egreja do Salvador de Paço de

1 *Iconographia Española*, tom. I.
2 Idem.

Sousa.[1] Restam deslocadas no claustro da sé de Evora a campa do bispo D. Durando e algumas outras, cujas estatuas de granito, em seu tosco e grosseiro lavor, confirmam o que dissemos relativamente á falta de artistas especiaes para as obras de esculptura. Entre a estatua do bispo D. Durando e o edificio da sé de Evora, consideradas, a primeira como obra de esculptura, e a segunda como obra de architectura, parece terem decorrido seculos. E todavia o tumulo do edificador não é mais antigo que a edificação.

As estatuas das pessoas reaes nos seus tumulos respectivos seriam os documentos mais interessantes para a historia da estatuaria portugueza durante os dois primeiros seculos que se seguiram á fundação da monarchia. As estatuas dos tumulos do conde D. Henrique e da condessa D. Thereza na sé de Braga, bem como as de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I na egreja de Santa Cruz de Coimbra, não servem ao nosso proposito por serem obras do seculo XVI. As originaes, se as houve, inteiramente se perderam.

São muito imperfeitas as dos reis D. Affonso II e D. Affonso III em Alcobaça e tambem a do bispo D. Egas Fafes, na sé velha de Coimbra, o qual falleceu em 1268, e foi por tanto contemporaneo d'este ultimo monarcha. Nas estatuas d'estes tumulos, bem como n'aquellas que já dissemos conservarem-se no claustro da sé de Evora, o desenho é incorrectissimo.

1 *Archivo Pittoresco*, tom. III, pag. 273.

As fórmas são irregulares e sem verdade anatomica, as linhas do rosto duras, as das roupagens angulosas, mostrando quão embaraçados se viam os artistas para imitar com o cinzel as curvas e as ondulações das partes do corpo e das grandes vestes talares.

O tumulo de D. Vetaça, companheira da rainha Santa Isabel, e aia do infante D. Affonso, no mesmo templo, é já menos imperfeito. Mas onde melhor se conhece o ponto a que se elevou quasi de subito, nos reinados de D. Diniz e de D. Affonso IV, a estatuaria e mais em particular a ornamentação dos monumentos sepulchraes, é nos tumulos d'aquelle monarcha, em Odivellas, e de sua esposa, a rainha Santa Isabel, em Santa Clara de Coimbra.

A architectura que, durante os reinados anteriores, se conservára estacionaria ou em decadencia, relativamente ao grande incremento e perfeição que tivera logo depois da fundação da monarchia, desenvolveu-se tambem de um modo notavel no reinado de D. Diniz. O velho claustro de Alcobaça, as ruinas da egreja de Santa Clara junto da ponte em Coimbra, algumas construcções das ordens de S. Domingos e de S. Francisco, introduzidas pouco tempo antes no reino, mostram claramente este rapido progresso da architectura portugueza. Para este facto importante concorreram duas ordens de causas, umas externas, outras internas.

O seculo XIII foi o seculo das grandes cathedraes. Fundaram-se a de Colonia, na Allemanha; as de Chartres, Nossa Senhora de Paris, Amiens, Reims e Beauvais, na França; a de Santa Gudula de Bruxel-

las na Belgica; as de Burgos e Toledo na Hespanha; as de Salisbury, York e a abbadia de Westminster, em Inglaterra.

A necessidade de aperfeiçoar a estatuaria para a ornamentação d'esses templos grandiosos estabeleceu a differenciação entre a architectura e a esculptura, e deu logar á fundação de escolas de esculptores. Tornou-se sobre tudo notavel a de Nicolau de Pisa, da qual irradia um novo estylo para a Peninsula, primeiro para as provincias de Aragão e Catalunha, depois para as mais distantes d'aquelle grande centro artistico.

Por outra parte, as condições da sociedade portugueza, de hostis que antecedentemente eram, tinham-se tornado favoraveis ao desenvolvimento das artes. El-rei D. Diniz, subindo ao throno apenas com dezoito annos de edade, mas com uma intelligencia robusta e uma educação esmerada, achou o reino livre das influencias desorganisadoras que haviam inquietado os seus ascendentes—as guerras com os mouros; as dissensões intestinas; as discordias entre a corôa e a curia romana. Nos ocios da paz pôde e soube dar notavel impulso á agricultura, á administração, ás sciencias e ás lettras. Não permaneceram estranhas a este grande movimento a architectura e a esculptura:

> Nobres villas de novo edificou,
> Fortalezas, castellos mui seguros;
> E quasi o reino todo reformou
> Com edificios grandes e altos muros.[1]

[1] Camões—*Lusiadas*, Cant. III, Est. 98.

III

Em Hespanha os monumentos sepulchraes do seculo XIV distinguem-se notavelmente dos anteriores, não só pelo desenho geral, mas tambem pela mais apurada esculptura de cada uma das partes. Merecem particular menção os tumulos de D. Pedro III e D. Jayme II de Aragão e de sua esposa D. Branca no mosteiro de Santas Cruzes de Catalunha, de D. Lopo de Luna, arcebispo de Saragoça, na capella de S. Miguel na sé d'aquella cidade, de D. Filippe Boil na sala capitular do extincto convento de prégadores em Valença e outros.[1] Avantajam-se porém a estes monumentos, não na perfeição das estatuas nem nas geraes dimensões, mas na delicadeza, variedade e phantasia da ornamentação, os tumulos de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro na egreja do mosteiro de Alcobaça.

São estes tumulos de marmore branco e profusamente exornados com assumptos religiosos e allegorias em quadros de meio relevo no estylo ogival. Elegantes baldaquinos de fino e delicadissimo lavor protegem as cabeças das estatuas. Aos pés vêem-se cães, symbolo da fidelidade.

Nota-se a maior variedade nos objectos representados nas faces dos sepulchros—anjos tocando orgãos portateis; o martyrio de S. Bartholomeu; os passos da vida de Jesus Christo; Judas enforcado na figueira

1 *Iconographia Española*, tom. I.

e o demonio a arrancar-lhe do ventre a alma, representada por uma figurinha humana; D. Pedro e

D. Ignez n'uma janella geminada, separados pelo columnelo do meio, em attitudes supplicantes, e olhando

para cima, como a implorarem logar no ceu; uma grande composição do juizo final, que occupa toda a face correspondente aos pés da estatua de D. Ignez de Castro, etc.

Ambas as estatuas foram adornadas com mantos e corôas reaes. Alguns anjos as rodeiam, uns como se pretendessem levantal-as da terra ao ceu, outros incensando-as e parecendo indicar no movimento dos thuribulos a elevação ao alto.

A estatua de D. Ignez de Castro tem um grande collar ao peito; uma luva calçada na mão esquerda, e n'esta mesma apertada a da mão direita. Os dedos das luvas são cortados e pelos d'aquella que está calçada sahem as extremidades dos dedos com as unhas. O tumulo de D. Ignez de Castro tem em volta da tampa uma cercadura em que se alternam uns escudos com as armas reaes e outros com as seis arruelas ou bezantes dos Castros.

A estatua de el-rei D. Pedro faz menção de desembainhar a espada, apresentando o braço direito n'uma posição acanhada e constrangida. A barba e bigode, frisados, dividem-se em partes encaracoladas. Este costume, que já tinham os monarchas Sasamidas da Persia, continuou até ao seculo XIV, pelo menos nas estatuas sepulchraes, pois se observa n'outros monumentos de Hespanha.

A importancia d'estas estatuas consiste, não na esculptura, mas em se poderem julgar copias mais fieis dos originaes que os retratos, pintados em epochas muito posteriores. Apesar do atraso da estatuaria, ha-

via na edade media certo cuidado em perpetuar na pedra com a possivel fidelidade as feições do defunto. Assim é por exemplo que na estatua de Henrique II de Castella, na sé de Toledo, se conhecem alguns signaes de lhe terem modelado a face por uma mascara tirada do natural depois da morte. Este processo, usado pelos antigos, apparece renovado, pelo menos desde os principios do seculo XIV.[1]

Além d'isso, como os sepulchros foram lavrados em tempo de el-rei D. Pedro, é provavel que os rostos das estatuas não ficassem muito differentes dos originaes. Este monarcha mandou fazer conjunctamente, e segundo parece pelo mesmo artista, os dois moimentos, um para D. Ignez de Castro, outro para si proprio.[2] Ha outros exemplos d'este costume no seculo XIV. D. Jayme II de Aragão, quinze annos antes da sua morte, mandou lavrar um sepulchro ao architecto Bertran de Richer, na egreja do mosteiro de Santas Cruzes da Catalunha, onde com effeito foi sepultado.[3]

Os restos mortaes de D. Ignez de Castro jaziam no mosteiro de Santa Clara, junto do qual eram os paços, onde foi assassinada. El-rei D. Pedro mandou fazer a trasladação com grande pompa e solemnidade. O corpo foi transportado n'umas andas muito ricas, levadas por cavalleiros, com grande acompanhamento de fidalgos, damas, donzellas, clerezia e muita outra gente. Pelo caminho formavam alas homens com ci-

1 *Iconographia Española*, tom. I.
2 Ruy de Pina — *Chronica de el-rei D. Pedro.*
3 *Iconographia Española*, tom. I.

rios accesos, por meio dos quaes o prestito percorreu as dezesete leguas que se contavam de Coimbra a Alcobaça. «E, diz o chronista, foi esta a mais homrrada trelladaçom, que ataa quel tempo em Portugal fora vista.»[1]

Por vezes tem sido estes e outros dos tumulos reaes de Alcobaça profanados. A primeira profanação conhecida foi a de el-rei D. João III, em quem pôde mais a curiosidade que a piedade n'essa occasião, no mez de setembro de 1524. Em agosto de 1569 repetiu el-rei D. Sebastião a mesma diligencia.[2]

Diz-se que do mesmo modo procedera em 1704 o archiduque Carlos d'Austria, que mais tarde foi Carlos VI, imperador da Allemanha. Finalmente a soldadesca da divisão do conde de Erlon, em 1810, arrombou o sepulchro de D. Ignez de Castro, deixando um lado em termos de se não poder restaurar, e tirou o cadaver de D. Pedro I para o depositar aos pés de um altar da egreja.

A. Filippe Simões.

1 Ruy de Pina—Op. cit.

2 Fr. Fortunato de S. Boaventura. *Hist. Chron. e Crit. de Alcobaça,* pag. 18.

Historia

A Fonte dos Amores

I

Da margem esquerda do Mondego, quasi defrontando com a cidade de Coimbra, exactamente onde termina a planicie e começa a levantar-se a collina que a limita pelo occidente, rebenta, debaixo de uma grande massa de penedos, que parecem espremer a terra, um abundante manancial de excellente agua, que a poucos passos se despenha com melancholico ruido n'um grande tanque quadrangular.

Acha-se esta fonte desprovida completamente dos enfeites da arte;

Rica de la natura y pobre de arte,

como disse o poeta conimbricense Sá de Miranda[1]; a natureza porém esmerou-se em atavial-a de tal modo com os seus mimos apreciaveis, que qualquer outro

1 *Obras* de Sá de Miranda, *Fabula do Mondego.*

adorno se dispensa; e é certamente esta circumstancia que lhe dá maior valia.

É o sitio da fonte por extremo pittoresco. Assombram-n-o corpulentos cedros seculares, que lhe formam um elevadissimo toldo de verdura e não consentem que penetre alli um só raio do sol. Algumas ramadas d'estas arvores majestosas e sempre verdes acurvam-se graciosamente roçando suas pontas pela espelhada superficie do lago. Os rochedos superiores á nascente, com serem penhas duras, nem por isso se vêem desataviados de galas vegetaes. São cobertos em grande parte por verdejante folhagem de figueira brava, festões de heras, mimosas avencas, acanthos de um verde assetinado, e outras engraçadas plantas, que brotam pomposamente das fendas da penedia e lhe imprimem um ar de viço e frescura muito de encantar.

Pela parte posterior levanta-se cerrada moita de arbustos de variada folhagem, que, enleando e mesclando seus ramos, se inclinam sobre a penedia e como que formam esplendida cupula e remate a esta engraçada obra da natureza.

Como fiel e bella descripção d'este sitio vem a proposito reproduzirmos um soneto composto quasi de improviso por Francisco Xavier de Munhós[1]:

Á sombra d'altos cedros enlaçados,
Que em vão de penetrar o sol porfia,
Correndo d'entre tosca penedia,
A quem virente musgo adorna os lados,

1 Veja um artigo do sr. Rodrigues de Gusmão na *Civilisação* de 1869, anno 1, serie 1.ª, n.º 2.

Puros crystaes se esgotam apressados
Por leito de grosseira cantaria;
Vasto lago os recebe, e na sombria
Lympha se vêem os cedros debuxados.

Não se ouve ali dos gados o balido,
Nem as doces avenas dos pastores,
Nem dos mansos rafeiros o latido;

Da malfadada Ignez só os clamores
Se intimam n'alma, sem ferir o ouvido;
E eis aqui a Fonte dos Amores.

É esta a fonte que se julga ter sido cantada por Camões na oitava final do excéllente episodio de Ignez de Castro, oitava que ali se vê gravada n'uma lapide ao lado da corrente:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua e o nome amores!

Remate esplendido do mais poetico, do mais terno, do mais mimoso episodio do grande poema! Não diremos que fecha com chave de ouro, ouro finissimo é todo o episodio; o remate é do mais puro diamante! Que sublimidade nas idéas! Que mimo, que graciosa finura na expressão! Como se insinuam dul-

cissimamente na alma os versos harmoniosos d'esta singularissima estancia!

Encontra-se em Ovidio uma passagem, á qual se póde considerar correlativa esta das lagrimas transformadas n'uma fonte perenne, correndo perpetuamente sobre as flores para memoria eterna da morte de Ignez de Castro: é a metamorphose da amoreira. Os fructos d'esta arvore, brancos como neve, perdem a sua primitiva côr tornando-se tristemente escuros, e o sumo purpurea-se como sangue,—symbolo perpetuo dos desditosos amores e desgraçado fim de Pyramo e Thisbe.

Arborei fœtus adspergine cædis in atram
Vertuntur faciem; madefactaque sanguine radix
Pœniceo tinguit pendentia mora colore.

Todos concordarão em que, quer na idéa, quer na fórma, Camões na metamorphose das lagrimas se avantajou incomparavelmente a Ovidio na metamorphose da amoreira.

Das muitas e multiplicadas traducções d'esta estancia selectamos as seguintes, que provam não só a reconhecida popularidade d'este episodio, mas ainda mais o merecimento do poeta, porque nenhuma, por excellente que nos pareça, rastrea a poesia da original:

Mondiades tenero percussae corda dolore,
Tristia continuo memorarunt funera fletu;
Ac ut viva olim mortis monumenta manerent,
Formarunt vivos lacrymarum e flumine fontes.
Quod prope fontanos latices exarserat ignis,
Imposuere ollis memorabile nomen Amorum.

Cernite, quam nitido viridaria fonte rigantur,
Cui lacrymae praebent latices, cui nomen Amores.

(Fr. Francisco de Sancto Agostinho de Macedo.)

Le Ninfe vn lũgo andar la morte scura,
In Mondego, d'Inez rammemoraro
Col piãto, e per memoria in fonte pura
De le lagrime piante il rio formaro.
Dierõle nome, e ãco hoggi il nome dura
De gl' amori d'Inez, ch' iui passaro.
Vedi che fresca fonte irriga i fiori,
Cui sõ lagrime l'acque, il nome Amori.

(Carlo Antonio Paggi.)

Las hijas del Mondégo ¡oh nocha oscura!
Llorando sin cesar te recordaron;
Y para alta memoria, en fuente pura
Las lágrimas lloradas transformaron:
El nombre la puseiron, que aun le dura,
De «Las Cuitas de Inés» que allí pasaron;
Y de esa fuente, hoy vida de las flores,
Son lágrimas el agua, el nombre *Amores*.

(Conde de Cheste.)

Ninphes du Mondégo, des larmes les plus tendres
Vos tristes yeux longtems ont arrosé ses cendres;
Et pour eterniser vos profondes douleurs,
L'Amour même en fontaine a transformé vos pleurs.
Le nom *d'Amours d'Ines*, qu'elle conserve encore,
Lui fut donné par vous, qui les vîtes eclôre:
Et vous dites sans cesse en regardant son cours:
Nos larmes sont ses eaux, et son nom les *Amours*.

(Sulpice Gaubier de Barrault.)

Nor less the wood-nymphs of Mondego's groves
Bewail'd the memory of her hapless loves:

Her griefs theiy wept, and to a plaintive rill
Transform'd their tears, which weeps and murmurs still.
To give immortal pity to her woe,
They taught the riv'let through her bowers to flow,
And still through violet beds the fountain pours
Its plaintive wailing, and is named Amours.

(William Julius Mickle.)

Voltando á nossa fonte, geralmente se crê terem passado junto d'ella os amores do infante D. Pedro com D. Ignez, e é este o sitio que muitos têm como theatro da tragica morte da tão formosa como infeliz senhora. Por isso não ha viajante que venha a Coimbra que deixe de visitar esta estancia tão pittoresca e tão celebrada nos annaes da poesia e da ternura.

Seguindo taes tradições, já disse um poeta cantando a *Fonte dos Amores:*

Sitio, que o coração de magoas corta,
Sitio, cheio de dôr e de saudade,
Em ti Ignez viveu, Ignez foi morta.

(Antonio Ribeiro dos Santos.)

João de Lemos, o apaixonado cantor de Coimbra, seguiu as mesmas tradições, celebrando-as n'estes formosos versos:

....
Como os cedros as comas baloiçando
Inda vergam de dôr, inda meditam
No caso triste de memoria digno,
Que desenterra os mortos!
Alli d'um terno amor ternos momentos

N'aza do tempo languidos fugiram,
N'aquelle engano d'alma que a fortuna
Não deixa durar muito!
Dos suspiros de Ignez na penedia
Inda os echos vagando ás horas mortas
Murmuram broncos ais, e aos sons da lyra
Respondem gemebundos!...

Entre os corpulentos cedros que ensombram este sitio já falta um que tinha entalhado no tronco este verso:

Eu dei sombra a Ignez formosa.

No inverno de 1838 foi derrubado por um violento furacão. O principe de Lichnowski, no seu curiosissimo livro *Portugal, Recordações do anno de 1842*, referindo este successo, diz o seguinte: «O conde de Lavradio é quem actualmente possue esse tronco precioso; estimaria eu muito possuir uma taboa d'essa madeira, que mui particularmente é propria para fazer caixas onde se guarde uma certa especie de cartas.»

No fundo do cano, por onde á flor do chão se despenham as aguas no tanque, divisam-se umas pedras de côr avermelhada que a tradição poetica inculca como manchadas do sangue de Ignez de Castro. A esta tradição alludem os versos de tres dos nossos mais maviosos poetas:

Aqui da linda Ignez a formosura
Acabou: crueis mãos morte lhe deram:
Inda signaes do sangue, que verteram,
Estão gravados n'essa penha dura.

Vendo as Nymphas tamanha desventura,
Sobre o pallido corpo aqui gemeram
De cujas tristes lagrimas nasceram
As surdas aguas d'essa fonte pura.

Pastoras do Mondego, que a corrente
Inda agora bebeis d'esta saudosa
Fonte, que está correndo mansamente,

Fugi, fugi de Amor, que a rigorosa
Morte lhe trouxe aqui: era innocente;
Se teve culpa, foi em ser formosa.

(Antonio Ribeiro dos Santos.)

Como a fonte d'Ignez soluça ao longe!
Parece inda chorar-lhe a morte escura,
Osculando na pedra eternas manchas
Do sangue espadanado!

(João de Lemos.)

Inda, infeliz Ignez, inda saudosos
Estes sitios que amavas te pranteiam.
As aves do arvoredo, os echos, brizas
Parecem murmurar a infanda historia;
Teu sangue tinge as pedras, e esta fonte,
A fonte dos amores, dos teus amores,
Como que em som queixoso inda repete
Ás margens, e aos rochedos commovidos,
Teu derradeiro, moribundo alento.

(Soares de Passos.)

Attrahidas pela frescura e humidade, vêem-se ondular na agua da fonte grande porção de raizes filamentosas de côr arruivada, semelhando uma farta madeixa de cabellos. A ficção poetica, da mesma sorte que faz ver na agua as lagrimas que pela morte de

Ignez choraram as nymphas, nas pedras avermelhadas o sangue da infeliz, inculca tambem aquelle raizame como as tranças dos seus cabellos. E os visitantes não se despedem da celebrada fonte sem que levem, como lembrança, um fio d'aquelles cabellos vegetaes.

A ser verdadeira outra tradição poetica, as aguas d'esta fonte iam encanadas para a residencia de Ignez, e á corrente d'ellas costumava D. Pedro confiar um barquinho de cortiça, que lhe levava as suas cartas amorosas. É isto referido por Faria e Sousa, dizendo: «Esta fuente que se llamô de los Amores por essa razon ya dicha, estava en el jardin de Palacio, y venia a salir a el por unos aquedutos. El Principe no podia hablar a Doña Ignes todas las vezes que lo deseavan ambos, porque siendo ella Dama de la Reyna su madre, era menester recato. Valiase para esto de aquella agua, y de aquellos aquedutos; porque por ellos, y por ella la embiava los papeles que la escrevia. Rompiò, parece, en cierta parte el aqueduto, y metiendo por alli los papeles, llevados ellos de la agua ivan a salir al jardin, a donde Ines acudia a cogerlos. De manera que el Amor venia nadando; venian las llamas amorosas passadas por agua. El Principe representado en sus papeles era el Leandro, que por olas iva en busca de su Ero, con màs felicidad que el otro, pues alfin llegava. Tales son las astucias de los amantes[1].»

1 *Rimas de Camões*. P. 2.ª, pag. 37.

II

> Uma historia sincera envergonha-se da gloria vã, que se busca em antiguidades mentirosas: desgosta-se d'esses sonhos agradaveis, pasto de uma esteril recreação; e se saborea só com a verdade pura.
>
> ANTONIO CAETANO DO AMARAL *(Mem. de Litterat. Portug.* vol. 1 pag. 16.*)*.

Comquanto muitos creiam que o assassinato de D. Ignez de Castro foi perpetrado juncto da *Fonte dos Amores*, é fóra de duvida e comprova-se com documentos irrefragaveis que este local não fôra o theatro de tão lamentavel e tragico successo. Que n'esta paragem pittoresca, vizinha e pouco distante da residencia de D. Ignez de Castro, assistissem muitas vezes os dois amantes, natural e muito provavel é que assim succedesse; e não parece cousa inverosimil, apesar de ser materia de poesia, o que com referencia ao caso diz Castilho n'estes formosos versos:

> Juncto á fresca matriz d'este ribeiro,
> .... gozou em seculo remoto
> O mais ditoso par de amor os mimos,
>
> ....
>
> Pelo silencio, e paz da noute amiga,
> Nos extasis de amor arrebatados,
> Ebrios ambos do nectar da ternura,
> Vagueando em seu ermo, respiravam
> Todo quanto prazer nas almas cabe.[1]

1 *A Primavera*, 2.ª edição, pag. 206 e 207.

Quanto porém ao local do assassinio a tradição poetica é desmentida pela historia.

A residencia de D. Ignez de Castro era n'uma casa ou palacio que ficava muito proximo do velho mosteiro de Santa Clara, do qual era pertença por doação da rainha Santa Isabel. N'este palacio é que foi assassinada D. Ignez de Castro.

Ruy de Pina, na *Chronica d'el-Rey Dom Affonso IV*, tratando no cap. LXIV da morte de D. Ignez, diz o seguinte:

«*De como foy a morte de D. Ines de Castro, e as causas breuemente por que foy morta.*—Ao tempo q̃ a Infanta Dona Constança, molher do Infante Dom Pedro faleceo, elle ficou moço de trinta e quatro annos, idade muy conveniente pera ainda aver de cazar, e posto que de elRey, e da Raynha seu padre, e madre, e dos principais homens de Portugal fosse pera isso com justas razões aconselhado, e assi por elRey seu padre requerido, e amoestado q̃ cazasse, ou dissesse se D. Ines hera sua molher pera ser por isso hõrada e tratada de todos como merecia, elle em vida, sempre negou que o cazamento entre elles era feyto, nem tam pouco quis com outra molher cazar, para que daua escusas, e pejos que a só sua vontade, e affeyçam sem mais razoens favoreciam, e isto tudo era só por nam leixar Dona Ines de Castro, a que queria grande bem e de que tinha os tres filhos, e huma filha que disse, a qual era sua sobrinha, filha de seu primo com irmão, e o pejo principal que se diz que tinha pera a nam declarar por molher, era

por ella não ser filha legitima de Dom Pedro de Castro, mas de huma sua manceba, como já disse, e porem porque ella tinha seus irmãos Dom Fernando de Castro, e Dom Aluaro Pires de Castro, que erão em Castella grandes senhores, e asi por respeito dela começauão ter muita parte em Portugal, e ouuesse delles por isso grande receyo á vida, e successam do Infante Dom Fernando filho primogenito, e erdeyro que era do Infante Dom Pedro, que pera alguma maneyra poderiam ordenar sua morte por tal que cada hũ dos outros filhos de Dona Ines por morte do dito Infante Dom Fernando seu irmão pudesse succeder os Reynos de Portugal, e dos Algarues, e consultavasse que pera este grande inconveniente cessar não avia outro melhor remedio, salvo que apertassem com o ditto Infante que cazasse, porque era então de trinta, e coatro annos, como disse, e não tivesse no Reyno Donna Innes de Castro, e quando isto por seu bem, e honrra nõ quizesse fazer que elRey pera segurança da vida de seu netto o Infante Dom Fernando, e por asesego, e conservação de seus Reynos, e das couzas de sua coroa que por respeyto da dita Dona Ines se poderião enlhear a mandasse matar por tal, que a ora da morte de elRey Dõ Afonso que nõ podia muyto tardar pois era ja muy velho a nõ leixasse no Reyno viva, e seu filho o Infante Dom Pedro não ficasse em seu poder della; e posto que por elRey, e a Rainha Donna Breatis, e pello Arcebispo de Braga Dom Gonçallo Pereyra, e por outros prelados, e senhores isto fosse aconselhado ao dito

Infante Dom Pedro, e ainda dito com certa declaração, e cõsultas que avia continuas da morte de Dona Ines pera que a saluasse, ou segurasse em tal lugar que sua vida não corresse risco, elle dito Infante avendo que tudo eraõ meaças, terrores, que se não avião assim de executar, como se praticauaõ, e sem numqua querer declarar, e affirmar que era com ella cazado, numqua quis a isso obedecer, e sobre isso era posto com elRey seu pay em grandes desvayros, pello qual estãdo elRey em Montemor o velho concluindo ja, e consentindo na morte da dita Dona Ines acompanhado de muyta gente armada, e se veo a Coimbra onde ella estava *nas casas do Mosteyro de Santa Clara*, a qual sendo avizada da hida de elRey, e da iroza e mortal tenção que contra ella levava achandosse salteada pera se não poder ja saluar per alguma maneyra, o veo receber á porta, onde com o rostro trãsfigurado, e por escudo de sua vida, e pera sua innocencia achar na ira de elRey alguma mais piedade, trouxe ante si os tres innocentes Infantes seus filhos netos delRey, com cuja apresentação, e com tantas lagrimas, e com palauras assi piadozas pedio misericordia, e perdão a elRey que elle vencido della se dis que se volvia, e a leyxava ja pera nõ morrer como levava determinado, e alguns Cavaleyros que com elRey hião pera a morte della que loguo entrarão, e principalmente Dioguo Lopes Pacheco filho de Lopo Fernandes Pacheco senhor de Ferreyra, e Alvaro Goncalues meirinho mor, e Pero Coelho quando assi virão sahir elRey como quem ja

revocava sua tença *(sentença)* agravados delle pella publica determinação com que os ally trouxera, e pello grande odio, e mortal perigo que daly em diante com ella, e com o Infante D. Pedro os leyxava, lhe fizerão dizer, e consentir que elles tornassem a matar Dona Ines se quizessem, a qual por isso loguo matarão, o que foy avido contra elRey mais abominavel crueza que por severa nem louvada justiça, a qual Dona Ines foy loguo enterrada no ditto Mosteyro de S. Clara, e despois tres annos que elRey Dom Pedro Reynou foy seu corpo da hy muy solenemente trasladado pera o Mosteyro de Alcobāça onde elRey Dom Pedro mandou fazer, e pôr junctos dous moimētos de pedra bem laurados, e em hum delles foy ella posta, e em outro se mandou elRey despois lançar junto com ella assi como ora jazem, e como na Caronica de elRey Dom Pedro mais largamente he declarado.»

Copiámos mais do que o bastante ao nosso proposito; quizemos porém aproveitar a occasião de reproduzir de uma obra pouco vulgar a narrativa da morte de D. Ignez de Castro desataviada dos enfeites e invenções do romance ou da poesia, e só tal qual a escreveu o velho historiador, que é dos mais antigos que narram o successo circumstanciadamente.

Dissemos que o paço onde residia e foi assassinada D. Ignez de Castro ficava muito proximo do velho mosteiro de Santa Clara. Prova-se isto com as palavras da doação do referido paço ao mosteiro, feita pela rainha Santa Izabel:

«En nome de Deus amen. Sabham quantos este stromento uirem que Nos dona Isabel pela graça de Deus Raynha de Portugal e do Algarue...., damos como sse adeante segue pera todo senpre ao Moesteiro de santa Clara de Coimbra..... o Paaço con huma vinha e contodos seus dereytos, que nos dita Raynha ouuemos do Moesteiro de santa Ana da par da Ponte de Coimbra, por Cento e Cinquoeenta libras de Portugal;.... *O qual Paaço e a dita vinha he sobre o Moesteiro de santa Clara, contra o meyo dia, tirando mays A ouriente e mays chegado contra o Ryo de Mondego, ca o dito Moesteiro de santa Clara...*»[1]

Ha n'este documento uma clausula curiosa: «E rogamos e pedimos ao dito Rey dom Affonso nosso ffilho, e aos outros que des pos el Reynarem que non ssofram a nemhuum que pousse nas ditas nossas Cassas, saluo elles e as Raynhas ssas molheres e os Iffantes herdeiros de Portugal con sas molheres....»

É com referencia a esta clausula que o bispo do Porto D. Fernando Correia de Lacerda escreve o seguinte:

«Como a Santa fes aquelles Paços para com maior prontidão lograr da companhia das Religiosas, e procurava atalhar que lhes não fizessem molestias, ordenou que nelles se não aposentassem se não as Magestades e os Infantes sucessores do Reino, ou al-

1 Esta doação tem a seguinte data: — «ffeito ffoi esto no dito nosso Paaço dapars de Coimbra, doze dias de Março, Era de Mil trezentos, ssaseenta e ssex anos.» Pode ver-se o documento na sua integra nas *Memorias das Rainhas de Portugal* pelo Sr. Frederico Francisco de la Figanière, pag. 290.

guma Senhora do seu Real sangue, a qual ella nomeasse por sua morte; no tempo de ElRey D. Affonso Quarto, o quiserão devaçar differentes pessoas, e ElRey os mandou despejar pellas suas Justiças, e ultimamente devassando o Infante D. Pedro com a assistencia de D. Ines de Castro, que, ainda que era de sangue Real e Filha de hum seu Primo com Irmão, não tivera licença da Sancta Rainha; e, se bem em sua vida teve presumida a Magestade, depois da morte, duvidosa, por mais que ElRey coroasse o cadaver e a sepultura; devassando-os a pessoa, os manchou o sangue, e todos atribuem a sua infausta morte a haver profanado com tam duvidoso tálamo o Lugar que a Santa Rainha exceptuára (em obsequio do Mosteiro) de toda a habitação menos decente: hoje de hum e outro Edificio ha pouco mais memorias que as ruinas; o Hospital, depois que o arruinarão as inundações, o sepultarão as areas, a Igreja está exposta ás enchentes do Rio, e o Altar mor, por se salvar das correntes, subio dose degraos; dos Paços se vem ainda algumas paredes, *e he tradição que nellas se lê em manchas de sangue de D. Ines, escrita em seu original*, a crueldade de Alvaro Gonçalves, Pedro Coelho, e Diogo Lopes Pacheco, que sem embargo dos piedosos rogos, das lastimosas lagrimas de D. Ines haverem mitigado, com a vista dos fermosissimos Netos, a Real ira, lhe fiserão revogar o perdão, e como Falcoens carniceiros, fasendo das horrendas espadas cruelissimas garras, tendoa por indigna de ser Real, despedaçaram o colo da mais fermosa

Garça, que virão não só as Ribeiras do Mondego, mas todos os hemispherios do Mundo.»[1]

*
* *

Frequentemente alludem poetas e prosadores que tratam da decantada fonte aos cedros que a rodeiam, fazendo crer que elles abrigaram debaixo da sua sombra D. Ignez de Castro; e até no tronco de um estava entalhado, como já dissemos, o verso

Eu dei sombra a Ignez formosa.

Bernardino Joaquim da Silva Carneiro compoz ao baquear d'este cedro um soneto que começa:

Tu, que viste os d'Ignez gentís amores
Brincar sorrindo em dias socegados,
Que doridos lhe ouviste os ais e os brados
N'hora votada aos impios matadores
......................................[2]

João de Lemos, n'uma sentida poesia, em que commemorou a prematura morte da ex.ma sr.a D. Maria Victoria Osorio Cabral Pereira de Menezes, nascida e fallecida na quinta das Lagrimas, propriedade de

1 *Hist. da Vida, Morte, Milagres, Canonisação e Trasladação de Sancta Isabel.* 1680. pag. 262.
2 *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica,* vol. 1.º pag. 252.

sua familia, e á qual sua extremosa mãe costumava chamar *Victoria Linda*, diz:

> Nascida á sombra de formoso cedro,
> Onde Dom Pedro meiga Ignez amou,
> Como chorou a morta Ignez Dom Pedro,
> Ao pé do cedro tua mãe chorou.[1]

Castilho, n'uma carta que escreveu em 4 de abril de 1866 á ex.ma sr.a D. Maria do Carmo Osorio, irmã da fallecida, agradecendo-lhe a sua traducção da obra do padre Ligny—*Historia da Vida de Nosso Senhor Jesus Christo*—diz tambem:

«*Entre as arvores de D. Ignez de Castro*, e ao som da Fonte das Lagrimas, no mais gentil e namorado retiro de todo o mundo, ahi, onde v. ex.a foi embalada com a lenda do Principe que poz diadema no cadaver da que adorára, ahi, onde profanidades tão donosas e tão incontrastaveis para annos verdes salteiam o animo de todos os lados, onde as flores, as aves, e os poetas, cantam amores em todas as estações, n'esse palacio e jardim de melhor Armida em que v. ex.a abriu os olhos, e d'onde nunca sahiu, ahi, é que v. ex.a, inaccessivel a seducções, desvelou as suas horas de oiro em escrever este livro de amores mais remontados que os do mundo, amores castos e severos, amores tão puros e tão sem ciumes, que o seu maior empenho foi que todos se namo-

1 Vide no *Cancioneiro* do sr. João de Lemos, vol. 3.º pag. 42, a poesia intitulada *Victoria Linda*.

rassem do mesmo ideal de que a sua alma andava cheia.»[1]

Cremos que não existe nem existiu no continente portuguez cedro algum que podesse dar sombra a D. Ignez de Castro. No seu tempo esta especie de arvores era aqui inteiramente desconhecida. Os primeiros cedros que se plantaram em o nosso paiz continental encontram-se juncto da ermida de S. José na cerca do Bussaco[2], onde foram introduzidos, no segundo quartel do seculo XVII, pelo reitor da universidade Manuel de Saldanha, fundador da mesma ermida; e são elles *os primeiros cedros que vieram dos Açores a Portugal, progenitores de quantos gosa hoje o mesmo reino.*[3]

* * *

Phenomeno curiosissimo é o apresentarem-se muitas das pedras por onde corre a agua da *Fonte dos Amores* retinctas de uma côr avermelhada parecendo manchadas de sangue. Quem lhe não souber a origem poderá crer que ha alli algum artificio com o intuito de alimentar lendas de poetas. Por muito tempo nos persuadimos de que aquellas nodoas ver-

1 A carta foi publicada no *Tribuno Popular*, periodico de Coimbra, n.º 1068, de 25 de abril de 1866.

2 *Benedictina Lusitana*, por fr. Leão de S. Thomaz, tom. II, pag. 283.

3 *Chronica dos Carmelitas Descalços*, por fr. João do Sacramento, tom. II, liv. IV, cap. II, pag. 110. Vide ainda o nosso *Guia Historico do Bussaco*, pag. 73.

melhas provinham de oxydos ou sulphuretos metallicos existentes nas pedras que compõem o cano. Ultimamente verificámos que tal phenomeno é resultado de uma planta microscopica da divisão das *algas*, pelos naturalistas denominada *Hildenbrandtia rosea* Kg.[1]

* * *

A poetica tradição que faz ver os cabellos de D. Ignez de Castro nas raizes filiformes que se notam na *Fonte dos Amores*, leva-nos a referir a historia dos verdadeiros cabellos, que a têm e curiosa.

É sabido que D. Ignez foi sepultada no mosteiro de Alcobaça em um rico mausoleo, lavrado de delicadissimas esculpturas, que lhe foi erigido pelo seu extremoso amante. Quando o exercito francez passou por aquella villa em 1810, os soldados entraram desenfreadamente no mosteiro e ahi praticaram as maiores barbaridades. Uma das mais lamentaveis foi a violação do tumulo de D. Ignez de Castro, onde esperavam encontrar objectos de valor. Impellidos pela cubiça, arrombaram estupidamente uma das faces do precioso moimento, e revolveram com o maior desacato os restos venerandos da formosa amante de D. Pedro. Foi então o cadaver despojado da sua bella cabelleira, que ainda se conservava em bom estado, mas

1 Vide *Species algarum*. Auctore Frederico Traug. Kützing (Lipsiæ 1849).

algumas madeixas poderam escapar á brutalidade dos soldados.

Paulino Joaquim Leitão estygmatisou a selvageria das tropas francezas, narrando o facto n'um soneto, do qual copiamos parte:

Estavas, linda Ignez, posta em socego
No calado jazigo em paz serena,
Já livre da afflicção da injusta pena,
Que fez gelar de dor todo o Mondego:
Senão quando o fatal desassocego
Que o orbe inteiro aggrava, e desordena
Vai comtigo entender; e te condemna
.................................[1]

Ao mesmo facto allude tambem o padre José Fernandes d'Oliveira Leitão de Gouvea, quando diz n'uma das suas odes:

.... até de Castro[2]
Vimos com magua as cinzas,
E os tenues fios d'ouro pelos Evos
Té alli não profanados,
Á discrição dos Notos, que suspensos
Ficaram, té que as Nymphas
Aos peitos com ternura os transportaram.[3]

1 Vide *Excerptos Hist. e Collecção de Documentos relativos á guerra da Peninsula*, pelo sr. Claudio de Chaby, vol. III, pag. 366.

2 «Sabe-se que os francezes abriram o tumulo de D. Ignez de Castro, e que no cadaver mirrado existiam bem conservados os cabellos, de que algumas senhoras mandaram ornar medalhas.»

3 *Poesias* do Padre José Fernandes d'Oliveira Leitão de Gouvea. Coimbra, 1863. Pag. 13.

Ferdinand Denis dá testemunho de que vira uma carta em que o marquez de Rezende dizia que uma grande porção dos cabellos de D. Ignez foram levados á côrte do Rio de Janeiro, e que, na occasião em que o conde de Linhares os estava offerecendo a el-rei D. João VI, foram arrebatados por uma forte ventania, sem que jamais fosse possivel encontral-os. O mesmo auctor egualmente dá noticia de que uma pequena madeixa de cabellos de D. Ignez de Castro, que vira n'outro tempo no gabinete de Denon, se conservava ultimamente n'um relicario da collecção do conde de Pourtales.[1]

O sr. Miguel Osorio Cabral de Castro, actual proprietario da quinta das Lagrimas, possue alguns fios dos cabellos de D. Ignez em um lindo relicario. Foram obtidos por seu pae, o sr. Antonio Maria Osorio, havendo-os do major Rodrigo Fera, que no tempo da invasão franceza, passando em Alcobaça com o regimento de milicias da Figueira, os pôde alcançar em consequencia da violação feita pelos soldados francezes ao tumulo de D. Ignez.

* * *

Para terminarmos os nossos commentarios ás tradições poeticas que andam ligadas á *Fonte dos Amo-*

1 *Nouvelle Biographie Générale,* publicada por Fermin Didot Frères, art. *Ines de Castro*, pelo sr. Ferdinand Denis.

res, resta referirmo-nos á da barquinha de que fallou Faria e Sousa. Diremos apenas o que a toda a gente occorrerá:—que o facto se antolha inteiramente inverosimil. É porém certo que no mosteiro de Santa Clara existiam varias fontes providas de agua que da propriedade vizinha lhe era fornecida por meio de um aqueducto; e ainda hoje existe um cano que conduz agua para o campo contiguo á egreja do velho mosteiro. Ao aqueducto antigo dava-se effectivamente o nome de *Cano dos Amores.* Na descripção do velho mosteiro, diz Fr. Manoel da Esperança, fallando do claustro: «Todos os lados de fóra ião tecidos em arcos: huns grandes, outros pequenos: hũs abertos, outros fechados com redes da mesma pedra, por galante artificio.... No meio do mesmo claustro descuberto ao ceo, occupava grande campo hum tanque mui aprazivel, em o qual desagoavão muitas fontes por differentes figuras, e a maior, que eu ainda achei, pela boca de hũa serpe, enroscada no braço de hũa Ninfa. Vinha de fóra a agoa, por hum cano, que se chamou *dos amores* por rezão de hũa fonte deste nome, onde tem o seu principio. Consta isto de hum mandado das Justiças de Coimbra, as quaes no mez de Oitubro de 1360 mandárão publicamente, que ninguem tratasse mal *o cano da agoa, que vai da Fonte dos amores pera o mosteiro de S. Clara, sob pena de jazer trinta dias na cadea.* E assi ficará mais desvalida essa fabula do vulgo, que nos quer persuadir que pela sua levada, a qual não he muito grande, remetia o Infante D. Pedro a D. Ines de Castro os

seus escritos d'amores, e que por esta rezão tem o dito apelido.»[1]

Dezenove annos antes que se imprimisse a 1.ª edição dos Lusiadas, publicou-se no anno de 1553 uma formosa descripção de Coimbra, em versos latinos, obra do insigne professor da universidade, Ignacio de Moraes. N'esta interessante composição, intitulada *Conimbricæ Encomium*[2] encontra-se referencia á *Fonte dos Amores* nos seguintes versos, collocados após a descripção que o auctor fez do mosteiro de Santa Clara:

Huc fons vicinus tenebroso lapsus ab antro
Mittit aquas: vulgò nomen Amoris habet.
Nam fons hic fertur caluisse cupidine Monde,
Et de Naiadum nympha fuisse choro.
Nunc etiam tacitè veteres suspirat amores,
Et fluuio auersa cogitur ire via.
Fert tamen indignè, dominamque reuiscere pugnas,
Fusius interdum Monda redundat aquis.
Inuider Alpheo, qui cursu, Arethusa, perenni
Te petit, amplexu perfruiturque tuo.

É para notar-se que descrevendo Ignacio de Moraes e fabulando da *Fonte dos Amores*, não faça a minima referencia ao caso celebrado de Ignez de Castro.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

1 *Historia Serafica*, 2.ª P., liv. VI, cap. 17.º

2 D'este livro rarissimo temos um exemplar, e não conhecemos outro. Tencionamos reimprimil-o brevemente. Em o nosso *Brasão de Coimbra*, na segunda edição do nosso *Guia Historico de Coimbra* e a pag. 34 do nosso *Portugal Pittoresco* podem ver-se alguns extractos do *Conimbricæ Encomium*.

Litteratura

Lenda de Ignez de Castro

(CARTA FAMILIAR)

Cai nas sombras da morte
A victima d'Amor lavada em sangue.
BOCAGE.

τὸν δὲ κατ' ὀφθαλμῶν ἐρεβεννὴ νὺξ ἐκάλυψεν
Iliada, L. XIII, v. 580.

I

MEU AMIGO. Accedo constrangido ao seu convite para escrever algumas palavras relativas á poetica lenda do assassinato de Ignez de Castro, a quem denominaram *collo de garça,* quando já tinha no proprio nome[1] um perfume de innocencia e candura que desperta profunda sympathia. Esta morte echoou por toda a litteratura: Calliope a narrou na historia, Melpomene a representou na tragedia; foi cantada na tuba epica, gemida no alaude, aproveitada para romance. E todavia Garrett parece que a considera como assumpto que está por tractar devidamente!

1 *Agnes, étis,* que em latim se resente de *agna, æ,* cordeira; em grego *αγνης* significa *casto.* Os menologios gregos escrevem Αγνη, ης. Sancto Agostinho (Serm. 274) dá as duas etymologias, a grega e a latina, sem preferir uma á outra.

Uma mulher formosissima é morta com crueza a ferro,[1] deixando orphãos os filhinhos e inconsolavel o amante. Seu sogro, que era rei, ordenou a sua morte, fidalgos illustres a executaram. O infante viuvo, louco de dôr, brande no auge do desespero o facho da guerra civil, a muito custo apagado, e subindo ao throno sacrifica em expiação dois dos assassinos, e corôa como rainha o cadaver da misera, levantando para jazigo de ambos, seu e d'ella, dois tumulos primorosos em Alcobaça. E ainda por fim foi elle, segundo a tradição, quiçá o primeiro poeta d'esta scena sanguinolenta.

Imagine, meu amigo, este tragico successo em plena edade média e n'um sitio delicioso como é Coimbra, n'um paço real e n'um reino onde os reis são trovadores, como Diniz, Affonso IV e Pedro I, e diga-me o que lhe falta para a celebridade. A epocha corria cavalleirosa e aguerrida; não se decidiam ainda as questões com polvora e bala, a espada symbolisava o valor, posta ao serviço da patria e das damas. Predominava então a força, força de arbitrio e capricho, proveniente das multiplicadas invasões que reconstituiram a antiga nas modernas sociedades. Portugal encetara o seu periodo genesiaco, desenvolvido n'uma lucta generosa e porfiada que lhe serviu de eschola. N'aquella rudeza era tudo aspero e energico como as armas, e em taes circumstancias o amor aninhava-se naturalmente no capacete de Marte,

1 Decollata fuit. *Livro de Noa* nos *Portug. Monum. Hist.*

isto é, as paixões eram de ferro e com elle se decidiam. Em guerreiros de fina tempera o affecto media-se pela craveira do esforço; tudo era forte, no bem como no mal. E senão, veja-me aquelles vultos epicos e tradicionaes do primeiro reinado, um Gonçalo Hermigues, um Egas Moniz Coelho, dois peitos d'aço e dois corações d'oiro, soldados e menestreis; veja-me o primeiro Sancho enamorado d'uma Maria Paes, assim como o segundo perdido por uma Mecia Lopes de Haro, que lhe custou o reino e encurtou a vida. Decifre depois a lenda de Sancta Isabel, e entristeça-se com a morte de Ignez de Castro... Da *misera e mesquinha* cantava o attribulado esposo:

Estas feridas mortaes
Que pelo meu se causàrom
Nom huma vida, e nom mais
Mas duas vidas matàrom.

....

Sangue do meu coraçom
Ferido coraçom meu,
Quem assi per esse chom
Vos espargeo sem razom?

....

A este triste canto seguiram-se outros. A lingua, que se podia dizer ainda no berço, foi recebendo na sua natural evolução a influencia d'este tragico acontecimento. Cantado primeiro em trova singela com aquelle perfume nativo quasi provençal, a poesia adaptou-o successivamente a todos os seus generos.

Nas suas principaes phases, na lyra, na epopeia e no drama, que são, digamol-o assim, botão, flor e fruc[t]o da mesma arvore, este assumpto captiva sempre o genio, inspira-o, enlaça-se com todo o metro, amolda-se a todas as fórmas.

Esboçar-lhe-hei o que na nossa litteratura se distingue sob este triplice aspecto em quanto á Castro. Um estudo completo sobrava para farto volume, que mal se compendiaría n'uma carta. Imbelle o pulso para manejar a penna, traço a furto, sem ordem nem chronologia, os delineamentos incorrectos d'um quadro litterario.

No lyrismo occorre primeiro Bocage. O numeroso Elmano consagrou a este assumpto uma cantata, cujo recitativo é energico e a aria melodiosa, e que se resente da leitura do episodio camoniano; pelo menos o introito e o remate foram modelados pelo Camões. —Estava Ignez formosa longe do esposo na margem do Mondego, aljofrando as faces de mavioso pranto; os filhos gozam no regaço da mãe o somno da innocencia. Que scena gentil! Afagam-lhe o rosto os favonios com as plumas, o Mondego serpêa limpido por entre boninas, doura-se o sol de luz mais viva. Adormece, mas não lhe dorme a phantasia, porque o amor não dorme; sonha, e gratas illusões lhe bafejam o espirito. Entram os algozes, a infeliz acorda e morre traspassada de impios ferros. As filhas do Mondego completam a poesia. Do Mondego, que attonito recúa, diz Bocage, do sentido Mondego as alvas filhas surgem das urnas de crystal, e attentando no

horror do caso infausto, arrepellam as nitidas madeixas e soltam saudosa e flebil canção...

Quando Castilho em 1822 cantou a festa de Maio na Lapa dos Esteios, não esqueceu tambem no seu poemeto estes amores. Imagina-se deitado na poppa do barco, que fendia as aguas do rio, dictando versos que os companheiros cantavam e o echo em baixa voz apprendia. Suave a toada, a letra alegre, primeiro Galatêa depois a Castro prestam materia a dois deliciosos idilios. Suggeriu-lhe o segundo ouvir ao longe soluçar a Fonte, e a phantasia revoou-lhe por entre os cedros e feraes cyprestes juncto da fraga d'onde brota a lympha. Esquece a morte da infeliz, e só recorda os seus enamorados affectos. Entre mancebos que se diziam sacerdotes de Maio, e fluctuando sobre as aguas transparentes do Mondego, a musa só lhe podia inspirar visões gratissimas.—Em noite de lua, que se reflectia no tanque serena e quieta, escassas as auras fluviaes, que brandas agitavam as arvores, Pedro e Ignez passam em terno colloquio momentos esquecidos. Monotono se escuta o rumor da agua, variado requebra seu gorgeio o rouxinol, os zephyros se embriagam em perfumes que as flores refinam. Prolonga-se o canto, que o assumpto dulcifica, e só expira quando o barco roça emfim nos rochedos da Lapa.

Soares de Passos canta de Camões que o bardo guerreiro quiz dar á patria a voz do cysne moribundo em seus cantos divinos. E accrescenta:

E que sentidos cantos! De Ignez triste
Se ouve mais triste o derradeiro alento,
Ensinando o que pode o sentimento
Quando um seio que amou de amores canta...

Estes versos se podem melhor applicar á elegia que elle proprio compoz, denominada a *Fonte dos amores*. É esta a pintura do assassinato sem os resaibos classicos dos Lusiadas, sem elmanismos empolados ou o luxuriante viço de Castilho. É pequena, similhando uma miniatura; as tintas são severas mas não carregadas, os traços correctos, os versos irreprehensiveis. Narra com grandeza e simplicidade, geme mavioso a infanda historia. Não invoca para o choro os tigres ou as serpes, nem as naiadas ou as nymphas. As aves do arvoredo, os echos, as brizas parecem murmurar o caso triste, o sangue tinge as pedras, a fonte em som queixoso inda repete ás margens, aos rochedos commovidos, o nome de Pedro, ciciado a custo no derradeiro e moribundo alento.

Não escapou a João de Lemos a *Fonte*.... Em noite de primavera tece-lhe pequena canção no *Livro de Elysa*. É a noite esplendida de luar, que esparge poeira de prata na superficie das aguas. O poeta, poeta por excellencia do *astro saudoso,* ama-lhe o livido clarão, porque não cega os olhos como a luz do sol; enamora-se, idolatra, do envergonhado riso da casta Delia. Á beira do Mondego, n'uma ingenua anacreontica, resuscita a fabula de Narciso, o salgueiro que se mira no crystal derretido. Echo, a briza doida por elle rejeitada, alborota a lympha, tolda-lhe com

as azas o liso espelho, onde cuida esconder-se uma rival. Enlevado nas bellezas de Coimbra, não podia João de Lemos esquecer a *Fonte de Ignez*, cujo murmurio escuta ao longe, como que a chorar-lhe a morte escura....

Sem nome de auctor publicaram-se em 1783, reproduzidos depois n'outras edições, 25 sonetos a D. Ignez de Castro, em pequeno opusculo, os quaes são attribuidos a Antonio Ribeiro dos Santos, ainda que sem fundamento, porque se não incluiram na collecção de seus versos, feita posteriormente, e onde apparecem outros do mesmo assumpto e que sobrelevam a estes em merito litterario. Entretanto os 25 lêem-se com agrado. Logo no primeiro memora a fonte com as suas penhas, theatro do amor mais verdadeiro, as aguas que foram espelho de Castro, os cedros que a ouviram. Tudo a edade destruiu; só ficaram os echos repetindo queixosos a sua historia triste. N'outro diz que os laivos sanguineos, que marchetam as pedras, não são de Ignez, mas das nymphas quando lamentaram a sua sorte, ficando impressos em signal nos penhascos escabrosos. Aqui gemem as naiadas cheias de piedade, e cortam os negros cabellos pendurando-os no templo da tristeza. Acolá as aguas prateadas do regato vagaroso e brando se converteram em lagrimas. Do collo da desditosa se viu correr o sangue em borbotões; a sombra da morte n'ella diffundia ferreo somno. Como a ave, que vê o ninho derramado pelo chão, se remonta aos ares, chora e geme; gyra pelos bosques afflicta, escuta,

busca, pía, os filhos chama.... tal anda Pedro pela amante assassinada....

São oito os sonetos de ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS que sobre este objecto se lêem nas suas poesias, todos cadentes e perfeitos, n'aquella metrificação artistica em que prima o Duriense Elpino. O douto academico compozera em annos juvenis o primeiro, que se espalhou anonymo e colheu reputação segura. Vieram mais tarde os sete restantes, fundidos no mesmo molde e feitos por se pôr em duvida a paternidade d'aquelle. Escusado é dizer que apparecem os mesmos sitios, a mesma fonte, penhas, cedros; as aguas convertidas em lagrimas; as nymphas gemendo sobre o pallido corpo. Imitado de Camões, distingue-se este lindo terceto:

> O nome do seu Pedro, que lhe ouviram
> Soltar da bocca fria, os sobranceiros
> Montes por grande espaço repetiram.

Um magistrado, desembargador dos aggravos na relação, e nosso ministro em Paris e n'outras côrtes, dedicou tambem um soneto a este assumpto. Escriptor correctissimo em prosa, correcto mas frio como poeta, DUARTE RIBEIRO DE MACEDO enderessa a sua composição á *Senhora Dona Ignez de Castro*. Só este titulo revela o diplomata ceremonioso, cuja frialdade repassa todos os quatorze versos. Ainda assim a chave, se não é de oiro, mostra-se conceituosa:

Mas oh rigor da humana desventura,
Que antes falta um primor á natureza,
Que falte uma desgraça á formosura!

No livro das *Miniaturas* Gonçalves Crespo falla de Ignez n'um soneto consagrado a Coimbra. É o livro conhecido, e não menos esta poesia que sobresahe entre os seus primores.—A cidade dorme ao luar em tepida noite de verão com os pés mettidos nas frescas aguas murmurantes do Mondego. Ainda ha pouco chorara nos bandolins a branda serenada, mas tudo é silencio agora. Repoisa o caes, a riba é solitaria, e nas curvas lanchas dormem os barqueiros;

O poeta no emtanto, o eterno paria,
Escuta a voz de Ignez entre os salgueiros.

Que formosa imagem é o soneto todo! Coimbra semelha, como já disse algures, uma nympha da mythologia, a quem o deus do somno surprehendeu no banho. O rio lhe refresca as plantas, serve-lhe de leito a collina. Na calada da noite Diana a oscula com seus raios, as naiadas a acalentam com o sussurro das fontes. O socego é completo e o somno da cidade profundo; palpita-lhe só o coração, e o coração de Coimbra é o poeta que vela ouvindo a voz de Ignez no ramalhar dos salgueiros....

O padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, brasileiro, visitando o tumulo de D. Ignez de Castro, improvisou um soneto, em que imagina os amores

empregados como artistas n'aquella lugubre esculptura. Ao traçal-a tapam os olhos com as mãos, movidos de terna piedade. Diz o poeta:

> O genio da tristeza, que invocaram,
> Lhes applica o cinzel á pedra dura,
> E a triste, majestosa sepultura
> De Ignez e Pedro junctos acabaram.

D'outro distincto brasileiro, Domingos José Gonçalves Magalhães, o epico da *Confederação dos Tamoyos,* o Young fluminense das *Noites melancholicas*, ha uma nenia á morte de Ignez de Castro, que foi recitada no fim da representação da *Nova Castro* de João Baptista Gomes no theatro particular da rua dos Arcos no Rio de Janeiro. Posta em scena esta bella tragedia, que apezar dos seus defeitos sobresahe, como diz Garrett, pela muita luz de engenho, muita sensibilidade e muita energia, foi-lhe addicionada a scena da coroação, que vem na de Nicolau Luiz, ao que allude logo o poeta no principio:

> Inda a feia catastrophe horrorosa
> Da miserrima Castro se me antolha!
> Inda o frio cadaver estendido
> E tincto no seu sangue alli diviso!...

Esta nenia, repassada de intimo sentimento, era por isso mesmo um digno remate do espectaculo. Traça com viveza o quadro do assassinato, não esquecendo os lamentos das filhas do Mondego, as saudades das Tagides e as elegias de todas as musas.... Dirige

energica e demorada apostrophe ás donzellas brasileiras, evocando por fim a sombra de Ignez, a quem, em nome d'estas, consagra os seus versos.

Vieram-me ás mãos duas *Cartas de D. Ignez de Castro ao principe D. Pedro,* impressas em folhetinho na Typographia Rollandiana (1824), e que são muito estimaveis. A primeira é em verso solto e a segunda nos antigos tercetos dos nossos velhos classicos. Escriptas no gosto bocageano, revelam delicadeza e sentimento, mas já não têm fôro, como outras muitas poesias, na eschola moderna. O *realismo*, que invade todos os portos litterarios, fez esmorecer estas e outras que taes manifestações platonicas.

O sr. ANTONIO JOSÉ VIALE no seu *Bosquejo metrico da historia de Portugal*, escreve de Ignez de Castro no canto I, est. 65 e 66, assim como no canto VI, est. 18 e 19. Copiámos as duas primeiras:

Do Principe lograva ardente affecto
(Qual não lograra a misera Constança)
A sem ventura Ignez. Com torvo aspecto
Inveja a mira, e trama atraz vingança.
Castro, ouvindo lethifero decreto,
Aos pés de Affonso, tremula, se lança
Co'os filhinhos gentis, piedade implora,
Mulher, esposa e mãe, soluça e chora.

Commovido, abalado, Affonso escuta
Da triste dama os rogos derradeiros,
A compaixão sopeia, em grave luta,
De ira cega os impetos primeiros.
Ignez ousa esperar... Com furia bruta

Vêm salteal-a monstros carniceiros...
Ella, sem que uma queixa então profira,
«Meu Deus! meu Pedro!» exclama, e exangue expira.

É primorosa esta pintura e excellente a metrificação; raras energias se ostentam nos poetas tão vivas como esta e tão ternas. O leitor escuta como Affonso, como elle se commove e abala, debalde sopeia a compaixão n'esta triste tragedia, que se resume em tão delicada miniatura.

E porque n'estas ligeiras apreciações nos não falte tambem a satyra, aproveitamos uma critica, que suppomos de José Bonifacio d'Andrade, feita a Antonio Isidoro dos Sanctos por causa d'uns sonetos que este compozera á morte de Castro e que foram impressos em Coimbra. Depois de censurar uma sua detestavel traducção da *Arte Poetica* de Horacio, accrescenta:

Vem de tropel a linda Ignez de Castro,
Presas as mãos e o collo de alabastro
Com durissimo esparto, indo paciente
Morrer ao cadafalso delinquente,
Porque d'amor o affecto verdadeiro
Pinta assim como um crime este grosseiro.
Mais sentiria Ignez ir d'esta sorte
Que o ferro duro que lhe dera a morte.

Mas cumpre parar. . . A enumeração de todos os nossos lyricos levava-nos muito longe. O que lhe cito basta para conhecer e avaliar a popularidade d'este assumpto nas nossas lettras, popularidade constante

e ainda hoje em voga. Sinto não lhe escrever d'outros, como de José Freyre nos *Soláos,* de L. A. Palmeirim, de D. Maria de Lara e Menezes, do padre J. Fernandes d'Oliveira Leitão de Gouveia, de Ovidio Saraiva, e não esquecendo *La Iffanta coronada* en octava rima, poema do alcaide mór de Torres Vedras, Don João Soares de Alarcão, escripto em hespanhol no tempo dos Filippes (impresso em 1606 por Pedro Crasbeek) e hoje pouco conhecido. E sobre todos estes merecem menção o dr. Antonio Barbosa Bacellar e José Thomaz da Silva Quintanilha, o primeiro pela *glossa* que fez da oitava do Camões *Estavas linda Ignez posta em socego,* a que deu o titulo de *Lamentos de D. Pedro,* e o segundo (Eurindo Nonacriense) por um bellissimo soneto, que faz lembrar o que d'elle disse Filinto:

Meigo em decimas, em sonetos meigo.

Barbosa é mestre da linguagem, não lhe fallecem dotes de bom classico nem gosto poetico, e Quintanilha tem a inspiração de Bocage sem os defeitos do elmanismo.

Na verdade é mister confessar que as nossas minas litterarias escondem ainda nas veias palhetas d'oiro de finissimo quilate, que muito conviria explorar para enriquecer a lingua e firmar o bom gosto.

II

Meu amigo. Superior a todos os nossos poetas é Luiz de Camões; e digo a todos os nossos poetas, porque sobresahiu em quasi todos os generos de poesia, e refinou-se na inspiração no genero mais difficil, que é a epopeia, levando a palma aos maiores, pelo que foi contado entre os peregrinos exemplares da litteratura classica.

Soffre hoje crua guerra o classicismo; o grego anda esquecido e o latim desprezado! E comtudo, pasmosa contradicção! um homem, que é filho d'esta eschola, recebe extraordinario preito de todo o seu paiz, e até de extranhos, na mesma epocha em que se condemnam ás Gemonias os modelos que cimentaram a sua gloria litteraria!

> Calme, il écoutait dans sa tombe
> La terre qui parlait de lui. [1]

É necessario que nos entendamos bem. Os que defendem a necessidade do estudo das duas linguas mortas, e principalmente da latina, não o consideram como unico e exclusivo para as escholas, mas sim como fundamento seguro para melhor se avaliarem e entenderem as linguas vivas, sobre tudo as que como a nossa, como a franceza, a italiana e a hes-

1 V. Hugo.

panhola, estão vinculadas com a de Cicero e Virgilio.

«O latim é bom para tudo, diz ironicamente M. B. Lévy, [1] assim como as pilulas dos charlatães, que curam as dores de cabeça, as dores de dentes e milhares de doenças. É um culto, uma superstição que predomina não só na França mas na Europa, e ainda além do nosso continente. Como herança do passado, adida inconscientemente, tem creado gravissimos abusos, chegando a prejudicar a educação publica...»

Esta praga do latim, na opinião do mesmo escriptor, offende ainda mesmo a politica, e é para a liberdade um verdadeiro tyranno!... «A sociedade moderna, accrescenta elle, é democrata, e a democracia tem por interpretes os grandes pensadores do seculo. Os monumentos litterarios antigos não inspiram nem respeito nem amor do povo. Os sentimentos generosos que agitam as massas só se encontram nas obras primas modernas. Os poetas n'outro tempo só cantavam os reis e os heroes; os de hoje... esses é que nos pintam o homem despido de enfeites que o arrebicavam, inspiram-nos o amor da virtude singela e o odio do vicio, embora enthronizado....» [2]

Ora todo este arrazoado, meu amigo, deriva com certeza ou de ignorancia propria ou da supposição da alheia. Não ha que escapar aos fios do dilemma,

1 *Les langues mortes et les langues vivantes dans l'enseignement secondaire* par M. B. Lévy, inspecteur général pour les langues vivantes. Paris, 1880.

2 O mesmo auctor na obra citada.

porque é nos auctores classicos que se nos deparam, não menos que nos outros, lições de acrysolado patriotismo e civica dedicação. Demosthenes, oppondo a espada da sua eloquencia aos exercitos de Filippe, torna-se por mais d'um titulo superior ao Mirabeau francez; Tyrteu derrotava os inimigos com hymnos que não valeriam menos que a Marselheza. Em Tito Livio abundam exemplares selectos de oratoria tribunicia; no Tacito... Mas escusamos citações impertinentes e inefficazes, porque os ignorantes são como os cegos, que por mais rica que tenham a phantasia não pódem conhecer a luz do sol. E se não são ignorantes... ainda mais cegos, porque lhes fallece o gosto, fieira estreita da consciencia litteraria. Para estes taes, são elles que o dizem, a antiguidade semelha-se a uma laranja a que nossos paes saborearam o sumo, deixando-nos a casca...

Olhe, meu amigo, que as ideias de liberdade robustecem-se pelo menos com os estudos classicos, se acaso não se inspiram genuinamente com elles. Temos exemplos em casa; Garrett foi tão revolucionario em litteratura como em politica, e Castilho verberou a tyrannia com versos que se resentiam do jambo raivoso de Archiloco. Ainda hoje, em plenissimo periodo liberal, os nossos melhores poetas não desdenham o tracto das lettras latinas. Um exemplo porém que vale todos os exemplos é o proprio Luiz de Camões, o Homero das linguas vivas. Este homem, escrevendo nos reinados de D. João III e D. Sebastião, mostrou nos seus versos um desassombro que em tal epocha

só se explica pela influencia das lettras nos espiritos são. Na atmosphera mephitica do absolutismo subjugava a intelligencia, e mantinha-se isento n'um mundo seu proprio de valerosas phantasias, similhante ao circuito dos Campos Elysios, povoado de sombras illustres. Este genio sublime presentia futuros melhores, e revelava-os na sua epopeia. Por isso o tempo o proclama maximo, e a ditosa patria sua amada, ditosa patria que tal filho teve, lhe consagra unanime ruidosos festejos.

A festa mais sympathica para uma nação é a apotheose dos seus homens grandes. Passam trezentos annos sobre uma campa, escoam-se lentamente dia por dia, minuto por minuto, na enorme ampulheta do velho Saturno, e o nome gravado por epitaphio converte-se em constellação! As lettras do primeiro gastam-se, as estrellas da segunda perpetuam-se; estas resplandecem eternas, aquellas obliteram-se ephemeras.

O merito purifica-se, afina-se no crisol das edades. O tempo é um cadinho, a urna das cinzas, d'onde se evola a parte mais subtil; é o casulo do bicho da seda, d'onde irrompe a borboleta, symbolisando um a vida transitoria, outra a immortalidade.

Ha tres seculos estorcia-se a nação agonisando dolorosa, e estalava a ultima corda da lyra do nosso poeta. Alcacer-Kibir fôra uma mortalha, a morte de Camões o derradeiro canto do cysne. Portugal deixava de si um nome, Camões um livro. Não era como na Grecia Homero ou Virgilio em Roma, mas maior do

que os dois. As rapsodias do grego eram uma lenda, os cantos do mantuano um romance; o poema portuguez tornou-se o evangelho da patria, que resuscitara.

A influencia da litteratura nunca se ostentou tão poderosa como a de CAMÕES em Portugal. Legou-nos um livro inimitavel, unico. N'este longo periodo foram grandes as transformações politicas e litterarias, reinaram monarchas, floresceram sabios, vingaram revoluções espantosas, e os LUSIADAS, como as Pyramides, permaneceram indeleveis. O poeta não morrera; á entrada dos seculos que se vão desdobrando na teia dos tempos instrue, com o seu livro na mão, as gerações que nascem, ensina-lhes a pureza e magestade da nossa lingua, e sobre tudo inocula-lhes nos espiritos o sancto amor da patria que se não move de premio vil.

E O TRICENTENARIO celebra-se com franca effusão publica, com toda a consciencia nacional. Podiamos dizer com M.me de Sévigné, que escrevia de Turenne: *Que dites vous de ces marques naturelles d'une affection fondée sur un mérite extraordinaire?* Grande verdade é a que um grande poeta expressou n'este verso notavel:

Le nom grandit quand l'homme tombe. [1]

O poeta é nosso, todo nosso; pertence-nos pela lenda e pela historia, e principalmente pelo amor. Todos o amam, porque ninguem amou com mais estremecido

1 V. Hugo.

affecto esta nobre terra portugueza. No seu amoroso enlevo o ingenho inspirou-lhe estrophes sublimes, repassadas de ardente patriotismo. Estas estrophes, apprendidas na infancia e gravadas no coração, são para nós todos a biblia da nossa religião politica.

* * *

A primeira pagina da navegação portugueza inscreve os triumphos lendarios de Fuas Roupinho; as nossas estreias do mar florescem com a aurora da monarchia. Foi uma gentil alvorada, um prenuncio auspicioso de tão esplendido futuro. Logo no periodo da primeira dynastia os reis D. Diniz[1] e D. Fernando preparam o caminho das descobertas maritimas, o primeiro creando nos pinhaes de Leiria a materia prima dos nossos galeões, o segundo educando com a sua legislação os nossos valentes marinheiros. O Mestre de Aviz aproa os seus navios além mar em Africa, e seu filho, o infante D. Henrique, desbrava as ondas do Atlantico e facilita o rumo para as regiões orientaes. D. Affonso v firma a nossa influencia africana e descobre a Guiné; D. João ii christianisa o Congo e dobra o Cabo das Tormentas. Sobrevem D. Manuel, a quem Neptuno humilha a gran corrente, [2] e abre a derrota das Indias, e funda em distantes cli-

1 Segundo outros, que se julgam mais exactos, foi D. Sancho i.
2 Gabriel Pereira de Castro.

mas um imperio colossal. São os LUSIADAS digno epilogo d'estas inclytas façanhas.

> Eis aqui quasi cume da cabeça
> Da Europa toda o reino lusitano,

diz o poeta. Se, aproveitando a sua ideia, personificarmos a Europa como o paladino de todo o progresso, dando-lhe fórma corporea, podemos imaginar a douta Allemanha como o seu peito robusto, a fogosa França como o seu coração, a Italia o braço direito e a Suecia o esquerdo, sendo a Hespanha a cabeça e Portugal o diadema que a cinge. Por isso foi d'estas duas ultimas nações, foi da nossa peninsula que partiu o poderoso impulso de descobertas, que iniciaram e alargaram e desenvolveram nos seus multiplicados incrementos a historia moderna.

Meu amigo, a navegação foi sempre a decima musa que bafejou os grandes ingenhos, sendo a sua impressão mais duradoura e a sua popularidade mais firme e arraigada. Ha poetas primorosos que hão de ser perpetuos modelos na litteratura, fonte perenne de bom gosto e espelho para todos os vindouros; mas os cantores do mar calam mais intimamente na consciencia do povo, e a sua lição infiltra-se com tenacidade por entre as camadas sociaes. Pindaro e Theocrito na litteratura grega, Horacio e Ovidio na latina, o Ferreira, o Filinto, o Garção na portugueza amam-se e estudam-se no gabinete, mas raro ultrapassam este recinto; só Homero e Virgilio e Camões, que canta-

ram a navegação, se amoldaram a todas as indoles, a todas as classes e edades. Decoram-se os seus versos, que passam tradicionaes, através do tempo e do espaço, perpetuando na memoria das gerações a mais famosa das conquistas humanas.

O poeta nos campos, ouvindo o ramalhar do arvoredo ou o murmurio dos arroios, inspira-se em idilios, doces canções afinadas pela brandura e amenidade da vida campestre. Nos montes, e nos seus cumes mais proximo de Deus, canta-nos um hymno repassado de uncção religiosa. Internando-se nas cidades e nos centros da civilisação social, descreve-nos em regrados epodos as maravilhas das artes. Mas pairando nas aguas, equilibrado entre dois abysmos, um sob os pés e outro sobre a cabeça, entoa-nos uma epopeia, sublime como os ceus e profunda como os mares. Nem os prados com a opulencia da sua vegetação, nem o firmamento com myriades de estrellas, nem as metropoles com os portentos da industria, arrancam do homem grito mais energico do que o revolto Oceano.

Não posso, nem o aperto de tempo permitte que lhe escreva ácerca dos LUSIADAS, a nossa canção maritima, primor da nossa litteratura, gloria da nossa nacionalidade, e com certeza nosso epitaphio quando já não existirmos como sociedade politica. Dir-lhe-hei comtudo algumas palavras do *episodio de Ignez de Castro*, inserto no canto III, e assumpto principal d'esta minha carta.

Na famosa narração de Vasco da Gama, feita ao rei de Melinde, introduz o poeta este episodio tão de-

licadamente, que al não podia ser melhor. José Agostinho na sua verrina contra o poema[1] tenta em vão deprimir este excellente trecho. Ainda que se curva insoffrido perante o seu merito peregrino, dizendo que é «um dos mais firmes e seguros sustentaculos da fama e grandeza das sublimes LUSIADAS,» que «será sempre bom e admirado,» acha-o inverosimil e pelos dictames da boa razão muito fóra do seu logar. «Repentinamente e sem preparação ou transição alguma, diz elle, interrompe *o principe dos poetas* a sua larga historia... volta-se sem saber para onde e começa por duas apostrophes, uma ao amor, outra á mesma D. Ignez...»

Suppondo ainda falta de ligação, nada havia que censurar no poema. Chegando ao caso triste de Ignez, o Gama, commovido por esta morte, uma das lendas mais patheticas da historia nacional, modelava a expressão pelo seu sentimento, e podia prescindir de transição. E Macedo era bastante instruido para saber que as transições inopinadas em taes conjuncturas são familiares nas epopeias antigas. Dil-o Longino; mas não só o diz, exemplifica-o.

Comtudo é bem de ver que o Zoilo do nosso Homero, desatinado pela sua apaixonada preoccupação, se atravessa com a propria espada. As duas apostrophes realmente são já por si um laço que liga o episodio á narração, formando até um formoso contraste na vida do rei D. Affonso a victoria do Salado com a morte de D. Ignez de Castro, que logo se lhe segue.

1 *Censura das Lusiadas* por José Agostinho de Macedo. Lisboa, 1820. 2 vol.

Não destoam um do outro na exposição os dois factos; a mesma alevantada poesia, gosto identico e devida proporção os characterisam. E mais que tudo respiram ambos uma reciprocidade intima, que não só se conhece intuitivamente, mas se manifesta espontanea. Veja-se, por exemplo, como a infeliz Castro, alludindo á gloria militar do velho monarcha, anteriormente decantada, exclama:

> E se, vencendo a maura resistencia,
> A morte sabes dar com fogo e ferro...

E antes d'isso o poeta dissera:

> Que furor consentiu que a *espada fina,*
> *Que poude sustentar o grande peso*
> *Do furor mauro,* fosse alevantada
> Contra uma fraca dama delicada?....

Note-se egualmente que o character do rei se mantém nos dois trechos sempre inteiro e uniforme. Irascivel e bravo, e attendendo sempre ao bem do Estado, não se torna alheio ás ternas emoções. Aqui accede á filha, que lhe entra pelos paternaes paços, supplicando-lhe,

> Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
> E seus olhos em lagrimas banhados,

que accuda e corra ao marido; depois ás tristes e piedosas vozes de Ignez, já movido a piedade,

> Queria perdoar-lhe o rei benino....

Porém a estancia que antecede as duas apostrophes é que fórma a passagem expressa, a transição perfeita e naturalissima do episodio. Dil-o ingenuamente o proprio critico: «Chegámos emfim ao grande episodio

..........da misera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.»

Eil-o pois que cita a mesmissima copula que ata os dois factos, digamos até os dois episodios da batalha do Salado e do assassinato de Ignez. A integra da strophe é bem conhecida:

Passada esta tão prospera victoria,
Tornando Affonso á lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceu da miseria e mesquinha,
Que depois de ser morta foi rainha.

É costume geral marcar o principio d'este episodio na oitava 120, *Estavas linda Ignez...;* mas não o entendeu assim o sr. Antonio José Viale, que na sua *paraphrase* [1] remonta á transição como deve ser. E o sr. Francisco de Paula Sancta Clara, que seguira

1 *O Episodio de D. Ignez de Castro, excerpto do canto* III *dos Lusiadas, paraphraseado em versos latinos* por A. J. Viale — 1875. Foi depois reimpresso mais correctamente com outros excerptos dos Lusiadas em 1878.

na sua *imitação*[1] o velho costume, accudiu logo a accrescentar as duas strophes que lhe faltavam,[2] dizendo a este proposito o seguinte:

«Quando imitei em versos latinos o monumental episodio do canto III dos LUSIADAS, exclui as duas estancias, que immediatamente o procedem, *e ligam com admiravel artificio ao corpo do poema.*

«A cadêa, que segura dois corpos entre si, se for cortada d'um d'elles, não lhe prenderá o outro, de que fica pendente. Assim persuadido, desmembrei do episodio a sua ligação com as circumstancias da acção principal do poema.»

E depois de dar a devida razão ao sr. Viale, apressando-se a imital-o, remata d'este modo:

«Em verdade a *transição* para aquelle grandioso episodio é de tanta delicadeza, que, sendo encadeada ao corpo retratado, fica em melhor guarda. Assim a flor, apanhada do jardim, mais agrada se as folhas lhe vestirem a hastea, em que se sustenta.»

É clarissima por tanto, com tão auctorisado apoio, a leviandade de Macedo na sua critica, o qual apezar d'isso ainda se espraia em louvores insuspeitos: «Devemos comtudo confessar, affirma elle, que entre todos os tractos do poema este é o melhor, pelo que pertence á versificação, ou metrificação; os versos são harmoniosos, correntes, patheticos, e muito bem feitos.

1 *Imitação do Episodio do canto* III *dos Lusiadas... em versos latinos* por Francisco de Paula Sancta Clara... 1875.

2 *Imitação das estancias 118 e 119 do livro terceiro dos Lusiadas...* em versos latinos por Francisco de Sancta Clara, 1876.

É tão bello aqui o Camões como é em quasi todas as suas poesias soltas, ou rimas...»

Mal lhe parecerá talvez, meu amigo, que eu resuscite as impertinencias do auctor do *Oriente* contra os Lusiadas, quando tracto de apreciar este episodio. Mas por isto mesmo o faço: a justiça que dimana de adversarios renitentes fórma o seu maximo elogio. N'um livro, cujas paginas só espremem censuras, o louvor estreme que se respigue aqui ou alli arranca-o o merito espontaneamente a uma consciencia rebelde. Poderão ser futeis ou não futeis todas ou quasi todas as incriminações de Macedo, pouco importa; a sua condensada agglomeração é que accusa um espirito facciosissimo, e é exactamente n'este ponto que, na phrase do proprio poeta, *o louvor altos casos persuade*.

Fazer minuciosa analyse d'este *episodio* nem cabe nos ambitos estreitos d'uma carta, nem se amolda á insufficiencia da minha penna. Admiro em Camões dois dotes que raras vezes se encontram junctos: copiosa lição e criterio delicado. Eminentemente instruido na antiguidade classica, realisou ampla revolução na nossa litteratura, dando com o ouro da lingua grega e da latina novo brilho ao dizer, quasi creando lingua mais nobre,

Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com phrase nova... [1]

1 Garção.

Esta peregrina imitação só se poderá avaliar melhor com qualquer parallelo. E tomemos d'este mesmo episodio, para exemplo, aquelle *Pone me*... do velho Horacio na ode 22 do liv. 1 da Lyrica. [1] Vejamos primeiramente o que este diz ao seu amigo Aricio Fusco:

> *Pone me*, pigris ubi nulla campis
> Arbor aestiva recreatur aura;
> Quod latus mundi nebulae malusque
> Jupiter urget;
> *Pone* sub curru nimium propinqui
> Solis, in terra domibus negata...

Trasladou Camões para o seu poema, senão as palavras, o pensamento principal d'este trecho, emparelhando com o latino no verso canoro e n'aquelle attico sal,

> ....que não conhece
> Quem nunca viu o portico de Athenas...

Ignez, anhelando a vida por causa dos filhinhos, em tanto amor gerados e nascidos, pede ao rei a commutação da morte em desterro:

> *Põe-me* em perpetuo e misero desterro,
> Na Scythia fria, ou lá na Lybia ardente...
> ....
> *Põe-me* onde se use toda a feridade,
> Entre leões e tigres................

1 Já citado por Manuel de Faria e Sousa.

O molde horaciano, como se vê, é perfeito, com a dicção polida e o gosto livre... É uma transparencia nitida e naturalissima, e por isso mesmo difficil, só familiar a um alto ingenho como o de Camões. De outros imitadores de Horacio se vê que não hombrearam com este. André Falcão, seu contemporaneo, Filinto Elysio, Elpino Duriense e o açoriano José Augusto Cabral de Mello, os quaes tambem verteram ou imitaram este logar, distinguem-se n'elle pela elegancia e pouco mais. D'estes quatro, que são os que temos á mão, preferimos o ultimo, que, sendo auctor aliás menos conhecido, apresenta todavia maior resaibo poetico. Mas tanto este como os outros nada têm que ver em merecimento nem com o lyrico venusino nem com o epico lusitano.

Para mostrar que Camões é unico entre os poetas portuguezes, unico no genio e no gosto, poderiamos multiplicar exemplos e parallelos, mas não o precisa a sua fama.

E até entre os estrangeiros, ainda mesmo os mais afamados tambem não sobresahem muito n'estas confrontações camonianas. Sirva-nos de exemplo o tragico Racine na sua *Iphigénie*, onde n'um ponto se encontra com o Camões, aproveitando a mesma imagem. Todos sabemos como no nosso episodio o poeta, depois de descrever o assassinato de Ignez, se expande em lindissimas apostrophes e parabolas, para accentuar com energia o horror do nefando assassinato. Entre outras diz:

Bem poderas, ó Sol, da vista d'estes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia.

Na *Iphigénie* põe Racine na bocca de Clytemnestra a mesma apostrophe:

Et toi, soleil, et toi, qui, dans cette contrée,
Reconnais l'héritier et le vrai fils d'Atrée;
Toi, qui n'osas du père éclairer le festin,
Recule, ils t'ont appris ce funeste chemin!

É bem de entender que se falla aqui d'um dos Atridas, Agamemnon, que sacrificava sua filha pela salvação dos gregos. N'esta tragedia as diversas fallas de Clytemnestra, que era a mãe, são primores de poesia e de eloquencia.

O luxo classico que revestem os LUSIADAS, e com mais desvelado estudo este *episodio de Ignez de Castro*, tem alevantado tal ou qual celeuma em espiritos frivolos e meticulosos. Culpam, por exemplo, a falla da Castro de erudita e concertada de mais para a afflicção que a pungia n'aquelle transe extremo, e até para o tempo em que fallava, que era pouco lido e entendido em taes arabescos de historia e mythologia classica.

Entendem mal de certo, que é desconhecer as regras da epopeia e a sua indole characteristica. A epopeia não é romance, é monumento; tem, como este, correcção cuidadosa e severa, que em nada implica a liberdade de pensamento, mas que o conserva

na devida elevação consoante a sua grandeza. É como a estatua elevada nas praças, que tem a fórma colossal para excitar attenções, e a primorosa perfeição artistica para incutir o respeito. Do mesmo modo na epopeia. Se os seus grandes affectos se vasassem nos moldes acanhados da comedia humana, o seu effeito seria negativo; moveriam por acaso a phantasia, sem que despertassem um echo que retinnisse no coração.

III

São as traducções, disse um insigne poeta,[1] importação de riquezas extrangeiras que abastecem a litteratura nacional. E ainda mesmo que soffram avarias nos mares que atravessam, que não seja segura a fiscalisação nas alfandegas da critica, que descorem com a mudança do clima, tornam-se poderoso subsidio para desenvolver o gosto na comparação dos grandes modelos.

Mas, ainda assim, a difficuldade é extrema e o risco eminente. Um traductor roça quasi entalado entre as escarpas da Tarpeia e os aditos do Capitolio, e é raro que não se despenhe da primeira, vendo sumir-se-lhe irremediavelmente o segundo. E isto acontece assim na prosa como no verso: traduzir um poeta em prosa[2] vale tanto, segundo boa opi-

1 Delille.
2 Como fez Chateaubriand a Milton.

nião, como arrastar Jesus Christo á presença de Poncio Pilatos; vertel-o em verso... ainda é peior, porque faz lembrar o potro e a polé dos ominosos tempos da Inquisição.

Depois de *executado o tormento* (phraseologia propria), as deslocações do verso terão desfigurado o original de maneira que ou não se entenda ou mal se entenda. O rhythmo da prosa não equivale á cadencia do verso; o verso d'uma lingua não compensa, por harmonioso que seja, a inspiração que immortalisou o verso alheio. Tomem-n'o embora por uma photographia perfeitissima; a photographia, ainda que pareça esplendida, é sempre pallida e inanimada. Esta casta d'obras, diz Garrett, estuda-se, imita-se, não se traduz. E chega a dizer que Virgilio, CAMÕES, Tasso, Milton não seriam grandes poetas, se tivessem traduzido em vez de imitarem, como fizeram com honra propria e proveito da litteratura.

O *episodio camoniano de Ignez de Castro* tem sido trasladado para outras linguas, já nas traducções completas dos LUSIADAS, já insuladamente. Não era facil, nem o comporta o espaço, dar-lhe noticia de todas, ou pelo menos a sua bibliographia; mas permitta-me que lhe escreva de tres, as mais modernas que conheço, duas latinas e uma franceza. São as primeiras dos srs. Antonio José Viale e Francisco de Paula Sancta Clara, que já lhe citei, e a ultima do sr. Henri Faure, todas publicadas em opusculos e depois inseridas no *Instituto*, jornal de Coimbra.

As duas latinas são contemporaneas; compostas ao

mesmo tempo, foram dadas á estampa com pequeno intervallo. Distinguem-se porém muito; a do sr. Viale é uma paraphrase e a do sr. Sancta Clara uma imitação, como elles proprios confessam. O primeiro diz, mas muito modestamente, que se não atreveu a chamar traducção a esta sua tentativa; aspirou apenas ao titulo de paraphrasta. Affirma a absoluta impossibilidade de expressar n'uma versão poetica, em lucta constante com o metro, todos os epithetos, todas as delicadezas do original, e principalmente quando o auctor é um Tasso, um Milton.... um CAMÕES; e sobre tudo, se a traducção houver de ser de lingua morta.

O sr. Sancta Clara assevera que a transposição dos LUSIADAS na lingua latina fôra trabalho dos nossos latinistas, e cita de tradição alguns traductores cujas obras se perderam, e os dois que se conhecem, Faria e Macedo. E não se intimida com a opinião de D. Francisco Manuel de Mello, que afiança de ambos *terem posto na espinha* o famoso poeta portuguez. Declara que a empreza é difficil e perigosa, e até impossivel por ser de auctor delicado em seus escriptos. «As essencias de cheiro exquisito e fino, exclama elle, se as passam d'um vaso para outro, perdem grande parte de sua actividade e fragrancia.»

São pois concordes estes traductores, um imitador e outro paraphrasta, em confessar os espinhos da sua tarefa; cobraram todavia ousio para accommetter a empreza, lembrados do conhecido hemistichio *audentes fortuna juvat.* Arrojado é o intento, já o dissemos;

poetas devem ser lidos e tractados por poetas. É por isso que admiramos as famosas imitações que o epico portuguez tomou de Virgilio, a que não chegaram os seus mais habeis traductores, como por exemplo Odorico Mendes e João Franco Barretto, embora este fosse tambem poeta e aquelle um critico atilado. O proprio Barretto se apropriou quanto poude dos versos de Camões. Mas estas recentes versões latinas são muito superiores ás conhecidas, e honram os seus auctores testificando os seus excellentes dotes de bons latinistas.

Tomemos para prova a conhecida oitava das *filhas do Mondego*... :

Quae Mondae virides ripas camposque colebant,
Ejus fata diu, memores, flevere puellae;
Post, ipsae tanti monumentum juge doloris,
In fontem lacrymas transformavere profusas.
Mox huic, quod teneros Agnetis denotat ignes,
Quodque hucusque manet, nomen posuere decorum.
Quam nitidus laetos ibi flores irrigat humor!
Pro lymphis lacrymae; sed nomen fontis=Amorum.

(A. J. Viale.)

Mundigenae flerunt nymphae atro funere ademptam,
Virg. E. 5—20
Monstrisque excitae longam cecinere querelam;
Virg. G. 1—378
Et liquidum in fontem, sæclis monumenta futuris,
Virg. E. 2—29
Moestas mutârunt lacrymas perque ora volutas.
Virg. E. 10—790

Quo dictus fuit olim, nomen servat amorum,
Quos Castro illic deliciis saturare solebat.
Adspice, quam gelidum ampla bibant violaria fontem,
Virg. G. 4—32
Cui lacrymae sint lympha fugax, et nomen amores.
Hor. Od. 2—3—3

(F. DE P. SANCTA CLARA.)

A dicção do sr. Viale é, como se vê, graciosa e corrente, a do sr. Sancta Clara mais classica, porque teve o cuidado de selectar, applicando-as com extremado desvelo, phrases de poetas latinos, principalmente de Virgilio, todas citadas á margem, e isto a eito por todo o *episodio*.

Quando abrimos pela primeira vez este opusculo, lembrámo-nos logo dos celebrados *Centones*, que converteram o Virgilio n'um lubrico Petronio ou n'um sisudo Moysés.[1] Sería tambem curioso se vissemos assim o *episodio de Ignez* tornado virgiliano puro á imitação de Ausonio ou de P. Falconia, assimilhando-se um pouco aos modelos da boa latinidade, hoje quasi inimitaveis.

1 Para avaliar melhor a similhança apparente d'estes versos com os dos *Centones*, apresento-lhe um trecho, tirado d'uma historia do Antigo Testamento, formada com phrases de Virgilio. Vem logo no principio e exprime a prohibição de Deus a Adão e Eva de comerem do fructo prohibido:

E. 2—712 *Vos, famuli, quae dicam animis advertitis vestris:*
E. 2— 21 *Est in conspectu—ramis felicibus arbos.* G. 2— 81.
E. 7—692 *Quam neque fas igni cuiquam nec sternere ferro,*
E. 7—608 *Relligione sacra—numquam concessa moveri.* E. 5—700.
E. 11—591 *Hac quicumque sacros—decerpserit arbore foetus,* E. 6—141.
E. 11—849 *Morte luet merito,—nec me sententia vertit.* E. 1—241.

A copiosa lição e apurado gosto do erudito professor ressumbram espontaneamente de seus versos e roboram a sua reputação, embora n'um ou n'outro ponto a cadencia metrica claudique involuntaria ou destempere momentanea. De alguns raros descuidos, facillimos de remediar-se, apontaremos por exemplo a collisão desagradavel com o encontro de dois *ss* na phrase *jucundam pascens spem* (E. cxx, v. 3). Das muitas bellezas que se admiram n'esta laboriosa composição veja-se o emprego do *iterum atque iterum* nos dois hexametros:

Petrum iterum atque iterum colles resonare docebas
(E. cxx, v. 8.)
Petrum iterum atque iterum retulistis per loca circum,
(E. cxxxiii, v. 8.)

parecendo no segundo distinguir-se um choro onomatopaico com a accumulação dos *ii*. Fazem ambos lembrar os dulciloquos versos do mantuano:

.... *moestusque Creüsam*
Nequidquam ingeminans, iterumque iterumque vocavi.
(En. ii, vv. 769 e 770.)
Suspiciunt; iterum atque iterum fragor intonat ingens.
(Id. viii, v. 527.)

São lindissimos os primeiros versos da E. cxxv:

Ad coelum aeternosque ignes, discrimine tali Virg. E. 2, 4 e 5
Dum trepidat, tendens lacrymantia lumina frustra,
Lumina, nam palmas vinclis arcebat inermes
Saevior ante alios caedis scelerumque minister...

No logar parallelo não lhe fica inferior, antes traduziu com mais originalidade, o sr. Viale:

Ad coelum tendens, lacrymis madefacta decoris
Lumina (nam teneras palmas devinxerat unus
E saevis, saevus nimium cautusque minister)...

N'estes versos, assim como nos da estancia acima transcripta:

In fontem lacrymas transformavere profusas...
(A. J. V.)

Et liquidum in fontem...
Moestas mutârunt lacrymas perque ora voluta...
(F. DE P. S. C.)

vê-se que o poeta seguiu a inspiração homerica das lagrimas, em que se distinguem singularmente as rapsodias gregas.[1] O didactico Hesiodo, Pindaro na ode e Sophocles não choram; seus corações eram forrados de bronze como o seculo a que pertenciam, *aes triplex circa pectus erat.*[2] Homero é uma excepção

1 O dom das lagrimas é um laço que prende os dois poemas de Homero, e por isso mais uma razão para os attribuir ao mesmo poeta. Na *Iliada* vê-se no canto I, v. 136, chorar Achilles de colera á beira mar, e no v. 413 chora Thetis. No l. VII, v. 426, choram os troianos ao irem queimar os cadaveres dos seus durante um armisticio. No l. XVI, v. 13, pergunta Achilles a Patroclo porque chora? No l. XXIV, vv. 530 e seg. choram Achilles e Priamo, o primeiro com a lembrança de seu velho pae Peleo, e o segundo, lembrando-se de seu filho Heitor. Diomedes chora de despeito por lhe cahir o azorrague. Na *Odyssêa* acontece o mesmo. No l. VIII, v. 531 chora Ulysses ao ouvir o aedo Demodoco cantar o estratagema do cavallo. Os Atridas choram nos infernos, as deosas e as nereidas choram, e os proprios cavallos de Patroclo, etc.
2 Horacio.

d'esta insensibilidade, excepção justificada por ventura pela vida errante e angustiada que lhe attribue a lenda. As amarguras do coração repercutiram-se nos seus cantos. A lyra humedecida de lagrimas soltava flebeis vozes, depois reflectidas nos seus imitadores, como Virgilio e Camões. Principalmente entre o grego e o portuguez ha uma notavel affinidade na expatriação. Ambos curtiram saudades do desterro, vertendo-as em canticos divinos; com ellas gastaram tempo e vida, a vida que em pedaços se lhes repartira pelo mundo. Seus lamentos misturavam-se com o sussurro das ondas á beira-mar, a um no Mediterraneo, a outro no grande Oceano, na Jonia ao primeiro, ao segundo em Macau. Mas assim como o passaro, ferido nos ares, procura na sazão da infinita dôr o ninho onde nascera, ambos os bardos volveram á patria, ao ninho seu paterno, onde dormissem o derradeiro somno.

Andromacha na *Iliada*, Cassandra na *Eneida* e Ignez nos Lusiadas são tres victimas immortalisadas nos tres poemas, sendo incontestavel a superioridade de Camões n'este parallelo. Andromacha despede-se de Heitor entre sustos e máos presagios, Cassandra é arrastada pelo inimigo á vista do seu amante, Ignez, ausente do esposo, prostra-se aos pés do rei, que a mata, ladeada de seus filhinhos. Heitor sorri, Andromacha chora; Cassandra, desgrenhada, atadas as mãos, levanta debalde ao ceu ardentes olhos; Ignez levanta tambem ao ceu com lagrimas os olhos piedosos. Em Homero e Camões ha lagrimas, em Virgilio n'este caso não. E o motivo é simples; a maternidade duplicava

a vida e tornava a morte mais acerba. Cassandra era virgem, as outras mães. Astianax era um laço que prendia seus paes; Ignez tinha nos filhos, reliquias suas, o seu refrigerio. É verdade tambem que em Virgilio o fogo pavoroso em que se subvertia Troia, esta desgraça enorme que aniquilava um povo, era bastante para embotar as sensações e estancar as lagrimas; as paixões n'esta crise tremenda retezam-se duras e seccas, qual o nervo do arco, que dispara o ultimo tiro como ellas soltam o extremo arranco.

A morte de Ignez move o pranto das filhas do Mondego, que por memoria eterna transformaram em fonte as lagrimas choradas. O poeta indica a fonte, e diz que *lagrimas são agua e o nome amores*. Os commentadores lembram n'este ponto a Eclog. v de Virgilio, vv. 20 e 21.

Exstinctum Nymphae crudeli funere Daphnin
Flebant...

que Bocage traduziu:

Desgrenhadas as nymphas pranteavam
De morte lastimosa extincto Daphnis;

ou o mesmo Virgilio na Georg. IV, vv. 460 e 461 na morte de Euridice:

At chorus aequalis Dryadum clamore supremos
Implêrunt montes....

paraphraseado por Castilho:

> Das Dryades o côro encheu de vãos queixumes
> Por sua irmã finada a serra até aos cumes;

ou Ovidio nas Metam. III, vv. 502 a 504, fallando de Narciso:

> .... planxere sorores
> Naiades.........................
> Planxere et Dryades..............

que foi vertido por Castilho:

> Suas irmãs, as Náias, o choraram;
> ....
> ....: choraram Dryas.

Mas a *fonte das lagrimas,* as lagrimas convertidas em fonte tiveram origem evidente na *Argonautica* de Apollonio de Rhodes, liv. I. Morre Cyzico pelejando com os Argonautas: Clite, esposa do principe, succumbindo á sua dôr, suicida-se; e das lagrimas com que é chorada as nymphas fazem uma fonte. Eis o texto original:

> Οὐδὲ μὲν οὐδ' ἄλοχος Κλείτη φθιμένοιο λέλειπτο
> Οὔ πόσιος μετόπισθε· κακῷ δὲ ἐπι κύντερον ἄλλο
> Ἤνυσεν, ἀψαμένη βρόχον αὐχένι. τὴν δὲ καὶ αὐται
> Νύμφαι ἀποφθιμένην ἀλσήιδες ὠδύρασαντο·
> Καὶ ὁι ἀπὸ βλεφάρων ὅσα δάκρυα χεῦαν ἔραζε,
> Πάντα τάγε κρήνην τεῦξον θειαὶ, ἣν καλέουσι
> Κλείτην, δυστήνοιο περικλεὲς οὔνομα νύμφης.

Costa e Silva traduziu este logar assim:

Nem Clite a esposa seu esposo extincto
Deixar quer; juncta ao mal outro mais triste,
E a cerviz deu a um laço; á morte sua
Do bosque choram as sensiveis nymphas,
E as derramadas lagrimas tornaram
Em fonte pura que appellidam Clite,
Do nome illustre da infeliz esposa.

O sr. Henri Faure, natural de Attainville, visitou Portugal, e tão encantado se foi do nosso paiz, que nos seus escriptos tem singularmente honrado a nossa litteratura, vertendo para a sua lingua o *Camões* de Garrett e imitando o *episodio de Ignez de Castro* dos Lusiadas. Este ultimo fórma um folheto, primeiro numero d'uma serie de estudos que denomina *Les drames de l'histoire*.

Sympathisamos com o seu trabalho, e confrontando-o com outras traducções francezas, como as de Barrault, de Florian, de Grandmaison e do nosso duque de Palmella, D. Pedro, não reputamos somenos a d'este illustre litterato. Copiaremos por amostra a estancia da *bonina que cortada...*, uma das mais famosas do poeta:

Comme la fleur des champs, qu'une jeune bergère
Cueille pour la nouer dans sa tresse légère,
Se fane promptement et perd sa douce odeur,
Ainsi les traits d'Inez ont changé de couleur:
La flamme de ses yeux s'éteint, son front se penche,
Et l'aile de la mort voile sa face blanche!...

Difficillima é a versão d'esta oitava, e o merito do sr. H. Faure transluz principalmente na brevidade energica com que a trasladou para a sua lingua. O sr. conde de Ficalho na sua *Flora dos Lusiadas* observa com finissimo juizo a sobriedade que Camões sustenta nos aspectos geraes da vegetação, e como estas descripções, sobre serem raras, são curtas e condensadas. Sob tal ponto de vista são n'este logar pouco felizes alguns traductores, se exceptuarmos talvez o nosso duque e com certeza o sr. H. Faure.

E' frequente nos poetas esta parabola da *flor murchada*, mas intraduzivel do portuguez o lindissimo termo de *bonina,* que é todo nosso e de transcendente mimo. É admiravel esta pintura, unica talvez; a phrase elegante, a transposição maravilhosamente bella, o verso suave e harmonioso a tornam inimitavel. Camões tomou esta comparação de Virgilio, que já a tomara de Homero, mas a musa portugueza sobresahe aos seus deliciosos modelos. Vejamos o latino na *Eneida*, e coteje-o o meu amigo com o portuguez, quer no liv. IX, fallando de Euryalo:

Purpureus veluti cùm flos succisus aratro
Languescit moriens; lassove papavera collo
Demisere caput, pluviâ cùm forte gravantur;

que Odorico Mendes verteu:

Ao córte assim do arado, fallecendo
Murcha a rosa, ou das chuvas aggravada,
O collo inclina a languida papoila;

quer no liv. XI, fallando de Pallante:

Qualem virgineo demessum pollice florem,
Seu mollis violae, seu languentis hyacinthi,
Cui neque fulgor adhuc, necdum sua forma recessit,
Non jam alit mater tellus viresque ministrat;

que o mesmo interpretou:

Qual por virgineo pollice apanhada
Molle violeta, ou languido jacintho,
A quem brilho nem cheiro inda fallece,
Mas não vigora e nutre a mãe terrena.

E devemos de caminho notar o que n'esta traducção brasileira observa com delicadissimo gosto o nosso Cardoso Borges em quanto á doçura que se encontra na pronuncia da liquida—l—: *o collo inclina a languida papoila; molle violeta ou languido jacintho;*—reflexos da lição virgiliana: *est mollis flamma medullas; mollia luteola pingit vaccinia caltha.* E estas delicadezas não as esquecia CAMÕES, como se vê, por exemplo, na Ecloga 1.ª:

O collo inclina languido e cançado.

Nos nossos dois latinistas são excellentes as imitações d'esta estancia dos LUSIADAS. O sr. Sancta Clara accumula e condensa os thesouros opimos do mantuano; o sr. Viale cinge-se correcto e agradavel ao seu modelo:

. . . . *lilia tandem*
Tam pulchram faciem jam deseruere rosaeque:
Pristinus ille color fugit cum lumine vitae;

diz o segundo, e o primeiro exprime-se assim:

Haud aliter suffusa genas pallore puella
Virg. E. 1—232
Labitur exsanguis, labuntur frigida letho
Virg. E. 21—818
Lumina, purpureus quondam color ora reliquit.

IV

Para que remate a tarefa que me impoz, careço, amigo Annibal, de dizer-lhe ainda duas palavras sobre os dramas de Ignez de Castro, o qual assumpto não foi menos feliz n'este genero do que nos outros, porque tomou da tragedia antiga imitações que afamaram a scena portugueza, contando desde Antonio Ferreira até Julio de Castilho tragicos insignes que pela sua poesia illustram as nossas lettras. Houve apenas uma falta, sómente uma mas grande, e podemos dizer que irremediavel, não ter sido tractado por Garrett, como este tanto promettera.

E lembrando Garrett e o seu theatro, lembra-me Victor Hugo, não por affinidade entre os dois dramaturgos, pois as suas escholas são diversas, mas pelo que o poeta francez conta do Lucrecio e do seu poema

De rerum natura. Abriu elle o livro e leu; engolphou-se na leitura e submergiu-se no poema como n'um abysmo... Ao jantar não teve fome e ao pôr do sol ainda lia. Hugo era rapaz e frequentava o latim; tinham-lhe os mestres prohibido o livro, porém, filho de Eva, seduziu-o a curiosidade e comeu do fructo que lhe prohibiam.

Dá-se n'este facto uma especie de metempsycose, uma transmigração do espirito, trivialissima na arte. Um homem, ha largos annos defuncto, ou antes uma sombra, que se alevanta do seio profundo do passado, que passa atravez dos seculos como um sopro, subjuga-nos a phantasia e immerge-nos na meditação! É o que nos acontece tambem com a leitura do Garrett, quer nos seus dramas como no *Auto de Gil Vicente* ou no *Frei Luiz de Sousa,* quer nos seus poemas como na *Dona Branca* ou no *Camões*.

E chegando a este nome, não posso deixar em silencio a apreciação do *episodio de Ignez de Castro* que vem n'este ultimo poema, e do qual Garrett diz:

> As nações do universo, que escutaram
> As endeixas do vate, as vão cantando;
> E do barbaro Neva ao culto Sena,
> Desde o Thamesis frio ao Pado ardente
> Os lamentos de Ignez repete a lyra. [1]

Luiz de Camões e Almeida Garrett são eminentes na nossa historia litteraria, reputando muitos o segundo

1 Garrett, *Camões*, c. VII, 21.

como immediato ao primeiro no seu peregrino merecimento. E se no talento são irmãos, tambem são eguaes na sorte irrequieta que os expatriou. Dizem-no os seus poemas, e as fundas maguas que os pungiram n'elles transparecem naturalmente.

> Aqui me achei gastando uns tristes dias,
> Tristes, forçados, máus e solitarios,
>
> . . . .
>
> Aqui a alma captiva
> Chagada estava toda em carne viva...

dizia Camões na terra do desterro, e Garrett, tambem no exilio, invocava em versos immortaes o «mysterioso numen que aviventa os corações que estalaram.»

> Saudade, gosto amargo de infelizes,
> Delicioso pungir de acerbo espinho...

o que faz lembrar Filinto:

> . . . . . .Tempo houve em que eu ditoso...
> (Meigo sonho! saudade amarga e doce!)

Garrett consagrou a Camões, e não menos aos Lusiadas, o seu famoso poema, que é bem conhecido. D'altas arvores á sombra, em fresco assento de aveludada relva, pinta elle a leitura da epopeia na quinta da Penha-Verde. O Camões lê, e agrupados em torno escutam-n'o el-rei D. Sebastião e toda a côrte... Ha d'esta scena um quadro notavel de Manuel de Macedo, assim como um lindo soneto de Gonçalves Crespo:

. . . .
Camões recita, a côrte attenta e silenciosa
Ante a rubra explosão do cantico guerreiro
Admira essa Epopeia...

«Ruge a electrica voz do Adamastor furiosa,
«Nas amuradas canta o alegre marinheiro,
«Do Oceano á flor scintilla a esteira luminosa
«Dos pesados galeões do Gama aventureiro...

Mas sobresahe n'esta leitura o *episodio de Ignez*, que Garrett adorna de novas galas. Não o desfigura, narra-o; e é na descripção d'este acto de Camões que a sua musa se avigora e retempera o tragico successo.

E eis a razão por que lastimo que se baldasse a promessa do auctor de *Frei Luiz de Sousa*, pois ficou o theatro portuguez sem a sua melhor tragedia moderna. Com o fino gosto de Garrett, com a sua viva sensibilidade, o que não faria elle d'um assumpto que tanto o enamorava?!...

São numerosas as peças dramaticas relativas a Ignez de Castro, e em muitas linguas, além da nacional. Seria não só prolixo, mas impossivel para mim dar-lhe a bibliographia completa de todas; e com a critica litteraria de cada uma, ainda mesmo das que tenho, faria um grosso volume em vez d'uma carta. Tenho aqui, sobre a minha mesa de estudo, algumas tragedias portuguezas: a *Castro* de A. Ferreira, a *Castro* de Quita, a *Ignez* de Manuel de Figueiredo, a *Nova Castro* de Gomes, a *Tragedia de Dona Ignez de Castro* de Nicolau Luiz e a *D. Ignez de Castro* de Julio de Castilho, assim como a *Ignez*

de Castro de Lamotte, traduzida por José Pedro d'Azevedo e Sousa da Camara. Conheço-as todas, e admiro os excellentes chóros e a metrificação concisa e energica de Ferreira, o delicado remate de Figueiredo, a sensibilidade de Quita e Gomes, os preciosos lavores classicos de Castilho; mas não é por isso menos verdade o que dizia Garrett da falta d'uma tragedia, verdadeira tragedia como a pede este assumpto.

«A Ignez de Castro, com o ser o mais bello, é tambem o mais simples assumpto que ainda tractaram poetas, e por isso todos ficaram atraz do CAMÕES, porque todos, menos elle, o quizeram enfeitar dando-lhe mais interesse.» Esta observação de Mr. John Adamson *(Memoirs of Camoens)* é citada e corroborada por Garrett, quando diz (na *Memoria* dirigida ao Conservatorio) que é singular condição dos factos e characteres que ornam os nossos fastos serem tantos d'elles, quasi todos, de extrema e estreme simplicidade, de maneira que as figuras, grupos ou situações da nossa historia, ou mesmo da nossa condição, que para aqui tanto vale, parecem mais talhados para se vasarem ou moldarem na solemnidade severa e quasi estatuaria da tragedia antiga, do que para se juntarem nos quadros menos impressivos, embora talvez mais animados do drama novo, ou para se entrelaçarem nos arabescos do moderno romance.

São estas quasi que as palavras do grande mestre, e n'isto se afasta da opinião de muitos que ateimam em classificar no drama o assassinato de Ignez. E sob este proposito vou-lhe dar uma novidade, anne-

xando a esta minha carta alguns trechos d'um drama que Garrett deixou incompleto, acompanhados do plano fundamental da obra e da relação dos personagens que n'ella haviam de figurar.[1] São ineditos, e copiados com fidelidade do manuscripto que vem citado no *Catalogo* publicado no tomo XXII das suas *Obras*.[2] Ainda que curtos, e por isso de pequena significação litteraria, tem alto merecimento pela sua origem e filiação.

Ha em Garrett a mesma qualidade que distinguiu CAMÕES, o amor da patria. Revela este sentimento em toda a sua opulenta litteratura, e principalmente no theatro. Vemol-o resuscitar no *Alfageme* a gloria de Aljubarrota, e no *Auto* a pompa bysantina de D. Manuel. *Frei Luiz de Souza* é quasi uma elegia, um echo plangente da derrota de Alcacer, *Filippa de Vilhena* o grito energico do escravo que despedaça as algemas. Nos fragmentos que se seguem transparecem as mesmas tendencias patrioticas, que se desenvolveriam plenamente se elle conseguisse rematar o drama.

1 Ao genro do eminente poeta, o ex.mo sr. Carlos Guimarães, assim como ao ex.mo sr. Domingos Rodrigues Grillo, agradeço muito penhorado o obsequio que indirectamente me fizeram com a copia e remessa d'estes fragmentos.

2 Este *Catalogo* diz a pag. XVI: v. IGNEZ DE CASTRO. Drama em tres actos. Projecto do Drama e rascunho das primeiras scenas do primeiro Acto.

Parece que não é a tragedia que elle phantasiava na sua critica, porque o assumpto é até posthumo, isto é posterior ao assassinato.

Ignez de Castro

A VINGANÇA [1]

PESSOAS:

D. Pedro
D. Affonso IV
Coelho
Pacheco
Gonçalves
Um mendigo
O D. Prior de Santa Cruz
A abbadessa de Santa Clara
O vereador da Camara de Coimbra
O Juiz do Povo
O Reitor da Universidade
N. de Castro irmão de D. Ignez
Os Infantes D. João e D...
O D. Abbade de Alcobaça
O Bispo de Bragança

1 IGNEZ DE CASTRO — Projecto do Drama, e rascunho das primeiras scenas do primeiro acto; existente entre os authographos do V. de Almeida Garrett.

PLANO

Acto 1. D. Affonso decrepito nos paços das Escholas. Coelho e Pacheco — O pobre da esmola. D. Pedro em Santa Clara, etc. — Corre a guerra civil. D. Affonso invoca sua mãe Sancta Isabel — A Camara de Coimbra pede a cessação da guerra. Oppõem-se os conselheiros.

Acto 2. Cessação das hostilidades. D. Affonso em Sancta Clara — Entrevista do pae e filho — Morte de D. Affonso; morre pedindo ao filho que perdoe — Não jura o filho — Acclamação de D. Pedro — Côro de Freiras.

Acto 3. Fugiram os conselheiros. Sancta Cruz, camara de Coimbra, com as chaves — Insignias reaes trazidas porque as não quer pôr — Declara que é outro que será coroado — Côro de Frades cruzios. Um pagem falla ao ouvido. Foram apanhados os conselheiros — O algoz, o cadafalso.

ACTO I

Vista do largo dos Paços Reaes (hoje dictos das escholas) Ao lado direito o frontispicio dos Paços — Á esquerda a vista da outra banda do Mondego, com o convento de Sancta Clara etc. A parte da ponte e da quinta chamada das Lagrimas etc. No fundo a capella.

SCENA I

COELHO, PACHECO, GONÇALVES, DIOGO

Está aberta a capella, entram e sahem alguns ministros inferiores com seus veus roxos — alguns grupos de povo, de estudantes, de gente do campo, de criados do paço, de soldados, de mendigos se vão formando pouco a pouco no largo. É de madrugada. Abrem-se progressivamente as janellas e portas do paço, á esquerda; na balustrada tres pessoas que parecem de condição superior passeiam, olhando de vez em quando para os grupos de gente que se vão junctando. A orchestra continua na introducção em quanto se vai ordenando a scena. Um grupo de cegos mendigos se approxima da balustrada. Diogo está entre os mendigos...

....

....

....

PACHECO [1]

Que dizes?

DIOGO

Que vos ponhais a salvo, e já, quando não, não tereis tempo.—Por isso mesmo que sabem (os do povo) a culpa que tem para com o Infante, por isso querem fazer as pazes com elle e entregando-vos a vós. O ajuste está feito e...

PACHECO

E ElRei!!

DIOGO

Não ouviste a cantiga dos meus cegos? ElRei é rei e é pai.

PACHECO

Mas D. Ignez não era...

DIOGO

Não sei o que ella era, meu senhor. Mas o Infante D. Pedro é filho d'ElRei D. Affonso e seu successor. ElRei está gravemente doente, e o povo já lhe cheira a rei novo. Não sabeis o que isto quer dizer para ministros velhos?

PACHECO

Tens razão. É preciso...

1 Fragmento final da 1.ª scena do 1.º acto.

DIOGO

Senhor, eu vou-me, que vos estou perdendo e desservindo com este conversar. Tomae o meu avizo ou não, fazei o que quizerdes; o pobre mendigo que ha muitos annos soccorreis, pagou a sua divida de gratidão. Não sei o que vós sois para com Deus ou para com o Sr. Infante que Deus guarde, para mim sois o meu bemfeitor. Deus vos tenha em sua guarda.

PACHECO

Espera.—O meu unico amigo na hora da tribulação. Na prosperidade... Porque os não grangeei eu na prosperidade, quando me não custava nada a fazel-o? Toma.

DIOGO

Para que é tanto dinheiro, senhor?

PACHECO

É uma divida.—Muito pequena parte d'uma grande divida. Não tenho a quem a pagar senão a ti. Recebe-a sem escrupulo.

DIOGO

Senhor!

PACHECO

Vae-te, vae-te. E roga a Deus por mim. (Diogo retira-se.) E ao menos haverá na terra uma voz que se levante por mim até o throno do Altissimo. O cego tem razão, estou... estamos todos perdidos. E quasi que já nenhum tempo... Que brados são estes?...

SCENA II

Ouve-se dentro cantar no templo

Senhor Deus, Misericordia.
Senhor Deus, Misericordia!

(Todos os actores que estão na scena accodem ao lado d'onde se ouvem os brados)

PACHECO (ao pagem)

Vae ver o que isto é, e corre a dizer-m'o á camara d'ElRei aonde vou. Parto. Meu Deus!

UMA VOZ DO POVO

Viva ElRei D. Affonso! Deus lhe dê muita vida para nosso amparo!

POVO

Viva ElRei D. Affonso!

COELHO

Senhor, a opinião do publico ainda é por nós. Aproveitemos a occasião favoravel, castiguemos os amotinadores—os cabeças da desordem e...

REI

Não quero mais castigos, não quero mais criminosos. Quero uma hora de paz antes de morrer.

UM DO POVO

Paz, senhor! Paz é o que todos queremos e pedimos.

OUTRA VOZ

E o castigo dos traidores.

POVO

Os traidores!

O JUIZ DO POVO

Senhor!

REI

Quem és tu?

JUIZ

O juiz do povo da nossa cidade de Coimbra, senhor. E permitti que vos falle em seu nome.

UM DO POVO

Falle o nosso juiz por nós.

POVO

Falle o nosso juiz.

REI

Como te chamam?

JUIZ

Lourenço Ramos.

REI

E ainda és juiz do povo?!

JUIZ

Tornei a ser eleito, a merecer a confiança...

REI

D'este pobre povo que ha seis annos capitaniaste nos terriveis alborotos que abalaram esta cidade e todo o reino, quando me pediste, quando exigiste a morte d'aquella desgraçada a quem eu tinha perdoado. Perdoado, meu Deus!. Qual era o crime da infeliz! Amar o meu filho. E conseguistel-o. E eu tive a fraqueza... Se m'o perdoou Deus!

PACHECO

Senhor!...

REI

Calae-vos, que sobre vossas cabeças está o sangue da innocente, mais que sobre a minha.

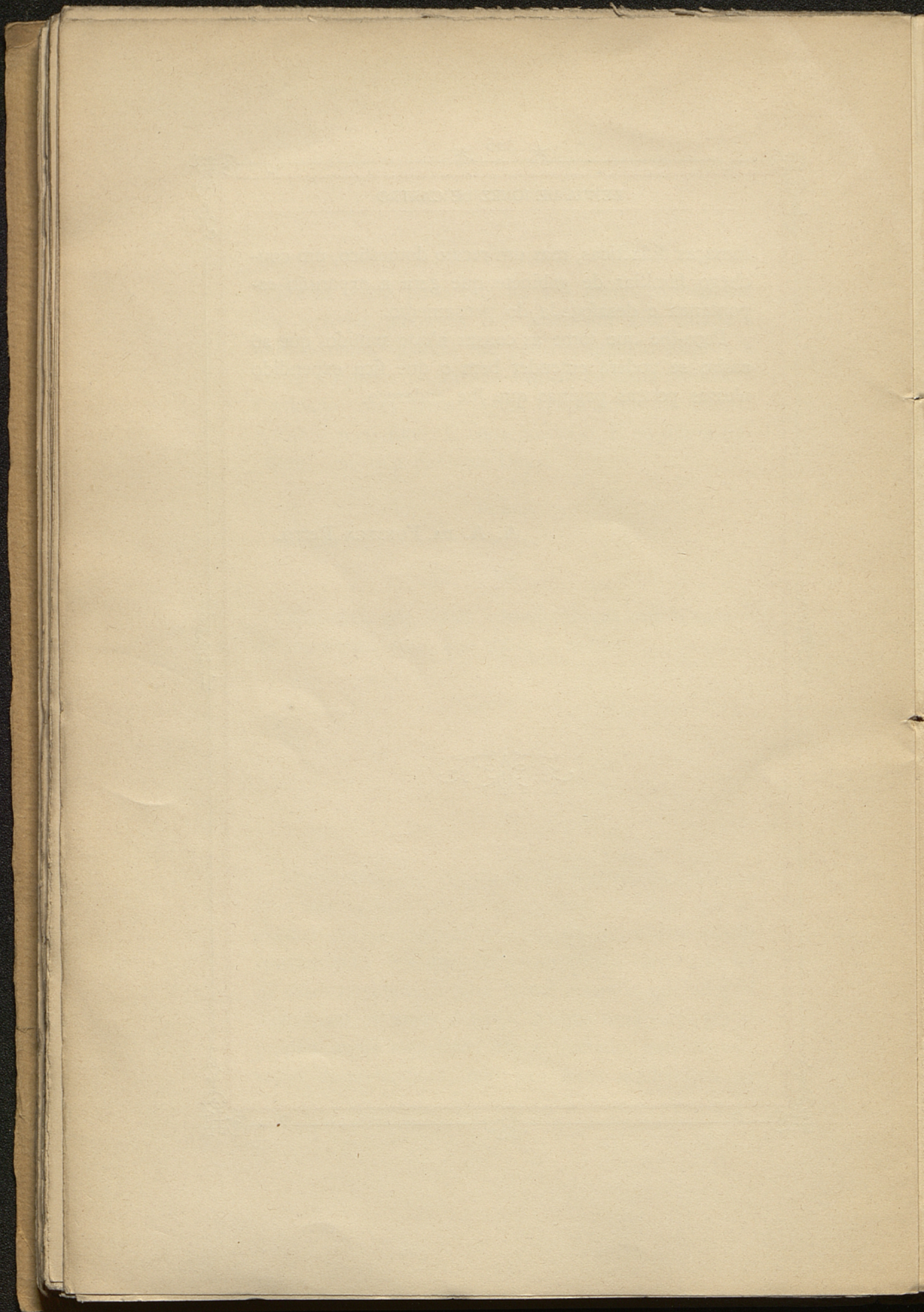
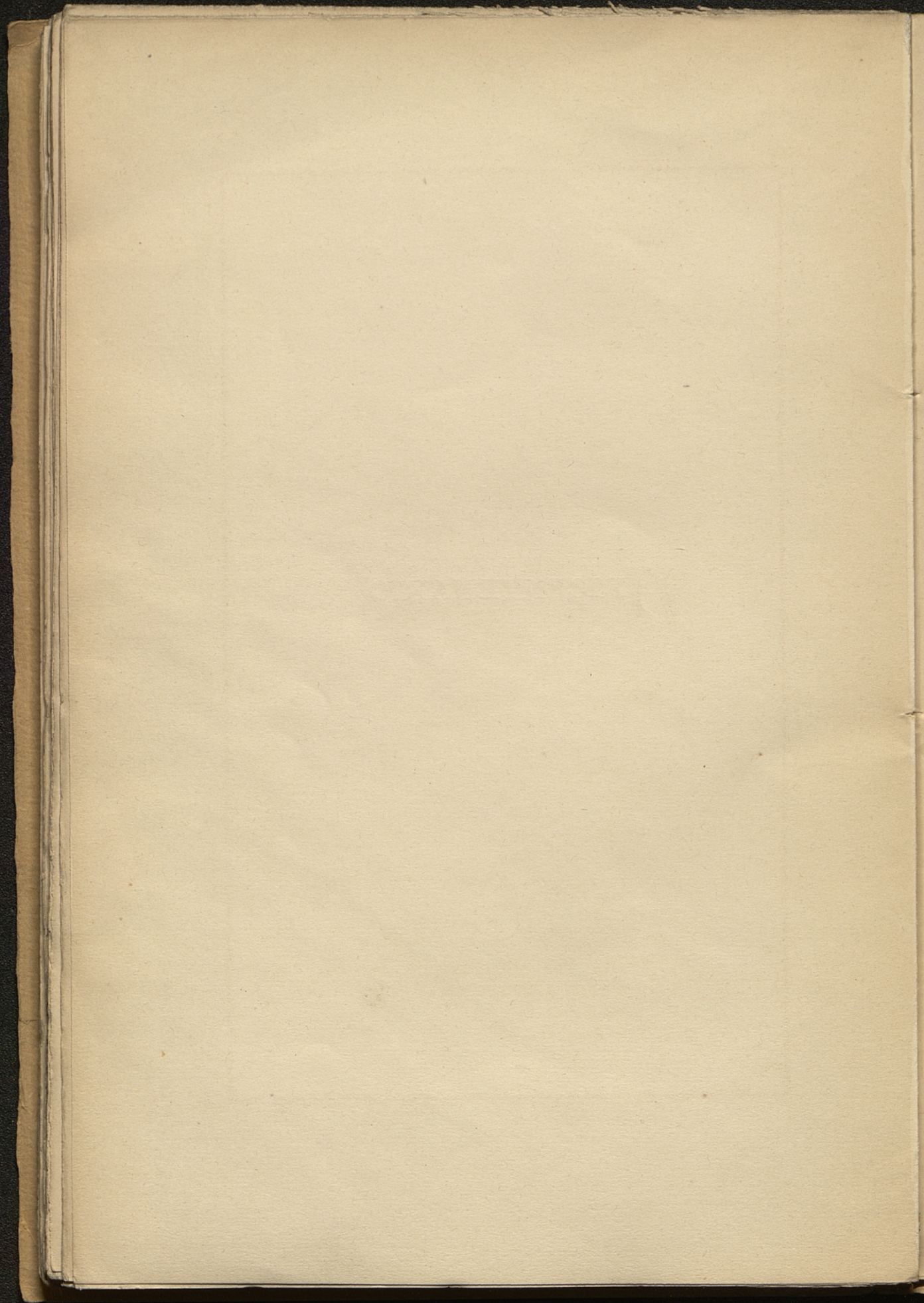
....

....

Apresentado este fragmento do Garrett, compete-me com este epilogo pôr termo ao meu trabalho, que só encetei por obediencia ao seu convite, a que accedi constrangido. No que lhe disse n'esta carta não ha de certo novidade, e só a fórma epistolar que adoptei desculpará os meus defeitos, porque uma carta por si propria argue singeleza; não é tractado, mas conversação despretenciosa, não tem foros academicos ou

fumaças didacticas, mas um recato domestico, um conchego familiar de gabinete que gera a expansão espontanea e desafogada do pensamento.

Peço-lhe que tome as cousas n'este sentido, que só assim se poderá entender bem o que fica expendido n'essas poucas paginas que lhe endereço.

A. A. da Fonseca Pinto.

TRICENTENARIO

AO PRINCIPE DOS POETAS PORTUGUEZES

LUIZ DE CAMÕES

SONETO I

os annos juvenis teu doce canto,
Cysne immortal, amenisou meus dias,
Bem que ás vezes a flauta que tangias
Mavioso e triste, me arrancava pranto.

Enlevaste-me, após, com mago encanto,
Quando mais alto as azas desferias,
E preclaros varões ao céo subias
Que o luso reino sublimaram tanto.

Ha mais de doze lustros, eu gravada
Tenho na mente a portentosa historia
De seus feitos gentis, por ti narrada.

Do seu vate hoje Lysia honra a memoria;
Com Lysia a minha voz te acclama, e brada:
Salve, cantor da lusitana gloria!

10 de junho de 1880.

SONETO II

Vate sem par, lá da mansão luzente
Os olhos volve á terreal morada:
N'ella foste infeliz; viste frustrada
Toda esperança de viver contente.

Não soube então prezar-te a lusa gente,
Que foi com tanto amor por ti cantada,
Que com a penna honraste, e com a espada,
Eximio bardo, armigero valente.

Hoje tal desamor ella deplora,
Tão feia ingratidão reputa um crime,
Que os mais luzidos feitos desprimora.

Taes sentimentos altamente exprime,
E sagra, após tres seculos, agora,
Devido culto ao seu cantor sublime.

10 de junho de 1880

SONETO III

Cantaste, ao som da flauta, ao som da avena,
Sombrios bosques, flóridas campinas;
Entre fontes, arbustos e boninas,
Propicia houveste a pastoril Camena.

Em quadra ora agitada, ora serena,
Modulaste, depois, canções divinas;
Com festival primor, graças plautinas,
Enriqueceste a lusitana scena.

Moscho, Petrarca, Plauto, não receias
Ver mais que tu no Pindo celebrados:
Que monta? É pouco... Maior gloria anceias.

Cantas, sublime, em versos inspirados
(Já com Homero e com Virgilio hombreias)
As armas e os varões assignalados.

10 de junho de 1880

SONETO IV

Após trabalhos mil, longos errores,
Fatal naufragio em horrida procella,
Chega ao Tejo Camões... Descanço anhela,
Não procura honras vans, nem vãos louvores.

Firme, da sorte os barbaros rigores
Soffre: não soffre o jugo de Castella:
Na patria morro, diz, *morro com ella:*
Anathema indirecto a vis traidores!

Doze lustros depois, volvendo os annos,
A patria resurgiu: plena victoria
Coroou seus esforços sobrehumanos.

Elle, de todos vivo na memoria,
Semi-Nume entre os vates lusitanos,
Cresceu, e cresce sempre, em fama e gloria!

10 de junho de 1880

IN LUSITANORUM POETARUM PRINCIPEM

LUDOVICUM CAMONIUM

MAXIMUS ingenio vates Camonius, arte,
Inclyta facta canens, non minor ille fuit.
Invidia major præfulget notus ubique,
Mæonides alter, Lusiadumque Maro.
Inter Lusiades non solum claruit omnes
Artibus ingenuis, carminibusque suis,
Non minimam meruit laudem quum terruit hastâ
Hostes quos, diros, Africa terra tremit,
Et quum decertans orbatur lumine déxtro,
Herculis ad metas dum secat ille fretum.
Illius ad cœlum tollunt tria secula nomen,
Illius augebunt secla futura decus.
Semper, Fortunæ telis confixus iniquis,
Fortiter ærumnas, sævaque damna tulit.
Ingenii vires nulli fregere labores:
Mens viguit, quamvis exagitata malis.
Aonios hausit latices, puerilibus annis,
Permixtus Charitum, Pieridumque choris.
A teneris, citharæ tractavit pollice chordas,
Prætentans lyricos bucolicosque modos.

Sic pulchras Tagides, cantatas carmine blando,
Obsequio potuit demeruisse suo.
Anni sed fugiunt: venit jam firmior ætas:
Altius assurgens, Arma virosque canit,
Pastorum, juvenis, teneros qui luserat ignes,
Ruris delicias, deliciasque suas,
Æmulus et Plauti, qui Plautum vicerat ipsum,
Dum Jovis exponit, Mercuriique dolos.
Debuerat lauro præcingere tempora vati,
Tantis pro meritis, Lysia grata, suo:
Debuit et Princeps donis ornare poëtam,
Munere donatus carminis egregii.
Non Rex, non regni primores ulla dederunt,
Non populus, tanto præmia digna viro:
Et qui nunc fulget famâ super æthera notus,
Lusiadæ gentis gloria, vixit inops.
Sedibus in patriis, longinquis exul in oris,
Magnanimus semper, gnavus ubique fuit.
Sic, firmus, ponti, bellique pericula tempsit,
Sic potuit duram pauperiemque pati.
Interea Lusorum animos sævissima clades
Affligit, fuse quam memorare piget.
Lusæ cum mauris, non æquo marte, phalanges
Pugnantes, libycis occubuere plagis.
Efflavit, certans, vitam Rex ipse Sebastus,
Pars procerum proprio sanguine tingit humum.
Denique ab hoste fero capitur delecta juventus,
Quæ validam patriæ, salva, tulisset opem.
Imperii laxas Henricus flectit habenas,
Longævusque nequit sceptra tenere diu.
Invadit regnum bellaci milite Iberus,
Et cogit Lusos subdere colla jugo.
Succubuisse videns patriam Camonius æger,
Ingemit, et secum nocte dieque dolet.

Increscit morbus: mœstum, lectoque jacentem
Deficiunt vires: hora suprema venit,
Quique prius vegetos, tunc factos, rexerat artus,
Corpore deserto, spiritus astra petit.
Sic placuit Domino, cui parent omnia, vatem,
Dilecta in patria, cum patriaque, mori.
Attamen haud periit prorsus, tam prospera quondam,
Lysia, cui rursus fata benigna favent.
Auspiciis lætis, tandem, labentibus annis,
Surrexit, miro libera facta modo.
Centum firmavit pugnis, totidemque triumphis,
Jus regis, regni publica jura simul.
Et nunc illa viro meritos persolvit honores,
Numine qui fausto, nobile panxit epos.

Quarto Idus junii
A. S. MDCCCLXXX,

ANTONIUS JOSEPHUS VIALE

Il possédait en riche cabinet quai des Malaquais
une portion de la chevelure d'Inez de Castro